

A IMIGRAÇÃO CROATA NO BRASIL ATRAVÉS DA FAMÍLIA FUŠEK MARKO

Renato de Lucca

Resumo: *Primeira fase da imigração croata no Brasil tendo como referência a família Fušek Marko.*

Abstract: *First phase of Croatian immigration to Brazil using Fušek Marko family as a reference.*

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Milan Puh pelo incentivo e orientações, ao Felipe Martins Francisco, Rodrigo dos Santos Martins e Daniela B. Martins (família Fušek Marko) pela participação nas pesquisas, juntamente com Antônio Dias Dendevez 'Toni' e Cleiton Navarro por pesquisas genealógicas, Prof. Nilson Roberto Rodrigues e Roberto Fortes pelas fontes bibliográficas sobre Pariquera-Açu, à Jelena Pleša e Slavko Hohoš por terem cedido um rico material sobre geografia, sobrenomes croatas, Eslavônia e os eslovacos na Croácia.

Apresentação

Tendo em vista o aumento da procura por informações históricas e culturais da Croácia, em especial por aqueles com ascendentes em países membros do antigo Império Austro-Húngaro, aliado ao fato da escassez de trabalhos publicados nesta área devido à sua complexidade ou à indisponibilidade de literatura, apresento de forma concisa elementos que definem a situação da Croácia desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Este período compreende sua primeira fase de imigração ao Brasil, bem como as características do "austríaco-croata" e o estabelecimento destes em São Paulo, em especial no núcleo colonial de Pariquera-Açu. Utilizo como modelo uma família de emigrantes da Eslavônia, região no leste da Croácia, porém, o artigo menciona fatos históricos mais abrangentes para que outros pesquisadores possam ter uma visão geral das origens, destinos e características destes imigrantes no intuito de localiza-los no Estado de São Paulo.

Introdução

O escopo abrange o período histórico da primeira fase da imigração croata no Brasil, que corresponde à última década do século XIX até 1918, quando a primeira leva de imigrantes croatas veio como súditos do Império Austro-Húngaro identificados genericamente como austríacos. Portanto, o objetivo deste artigo é apontar algumas famílias que emigraram, suas origens e destinos, utilizando como modelo uma família croata. A importância deste artigo não se restringe à divulgação de uma linhagem familiar, mas trata-se de um trabalho de pesquisa e consolidação de dados históricos e estatísticos, mapas, baseado em fontes primárias, relatos inéditos de imigrantes e livros já consagrados, como por exemplo, o livro do Prof. Dr. Milan Puh intitulado “*Croácia no Brasil até 1918: Primeira fase de imigração*”. Trata-se de referência de grande importância tanto pela contextualização da Croácia no cenário político que impulsionou a sua imigração, quanto por apresentar estatísticas e elementos que ajudam na identificação dos croatas. Foram também consultados alguns livros raros e históricos a respeito da colônia e imigrantes de Pariqueira-Açu, uma vez que se tratava de um destino de imigrantes da Croácia que fugia um pouco da rota tradicional de cidades do interior do Estado de São Paulo. Foi oportuno receber de dois pesquisadores residentes naquele país alguns artigos ou seus próprios livros sobre o estudo de sobrenomes croatas e as distintas comunidades étnicas que habitam na Croácia há séculos, mas com identidade própria. E por fim, dedicamos uma seção para a genealogia desta família, a qual trouxe à luz algumas revelações interessantes, e sugerimos a prévia leitura do perfil de Adam, Sofija e filhos, para uma melhor contextualização.

Situação da Croácia no século XIX / XX

Nossa meta principal não é entrar em peculiares detalhes históricos, mas apresentar de forma didática e concisa os acontecimentos mais importantes em ordem cronológica para melhor compreensão da história da imigração croata e seus desdobramentos sociais.

A história da Croácia, desde a segunda metade do século XIX até 1918, é inseparável da história do Império Austro-Húngaro, cujos acordos multinacionais, as disputas de interesses e a passagem do feudalismo¹ para o capitalismo em 1848 na Croácia, foram o estopim para sua emigração em massa. Este acontecimento impulsionou seus habitantes ao longo das décadas seguintes a deixarem as terras

¹ Entende-se por feudalismo a relação legal que perdurou até 1848 na Croácia a qual subordinava os servos ao seu senhor proprietário da terra, condição que dificultava grandes deslocamentos populacionais emigratórios.

que habitavam há séculos para se aventurarem em novas áreas, uma vez que não se sentiam mais obrigados a permanecer nas terras de proprietários feudais. Este desejo de melhores condições de vida ocasionou um deslocamento interno populacional para as cidades.

Ainda assim, a situação do camponês² croata não mudou drasticamente, pois a terra liberada não foi adequadamente distribuída pelo governo para a população. Os antigos feudais e senhores das terras ficaram com toda a terra que não estava sendo cultivada diretamente pelos agricultores-servos, incluindo pastos e florestas. Se um trabalhador rural quisesse ter posse dessas terras para uma plantação de vinho, por exemplo, tinha que comprar do antigo senhor. Por ser um pequeno proprietário seus rendimentos raramente permitiam poupança, levando-o a se endividar na tentativa de conseguir aumentar a sua propriedade rural, pois o pagamento só podia ser feito em dinheiro nos primeiros anos após o fim do feudalismo (1848-1853). Posteriormente o Estado começou a auxiliar os camponeses que, mesmo assim, não conseguiam se apropriar de modo significativo da terra que estava à disposição. Às vezes, perdiam o que possuíam por conta de prestações altas que não conseguiam pagar, provocando o endividamento dos agricultores, principal causa da emigração desta época.

As características geográficas de regiões como a Eslavônia e a Croácia central e o fato de 80% da população viver de agricultura, fizeram com que a Croácia não conseguisse absorver essa massa populacional no seu meio urbano. Conforme já sabemos, junto a isso havia a necessidade de países como o Brasil e a Argentina receberem agricultores europeus, sendo conveniente a Croácia se libertar da massa rural descontente com o seu governo.

Antes de aprofundarmos no assunto, apresentamos a seguir alguns mapas³ para melhor compreensão do universo em que a Croácia estava inserida no período tratado pelo artigo. No primeiro, vemos a Croácia dentro do Império Austro-Húngaro, cujo território atualmente engloba a Áustria⁴, Hungria, República Checa, Eslováquia, Eslovênia, Bósnia e Herzegovina, Sérvia (Voivodina), Itália (Trento, Alto Adige, Bacia de Tarvisio, Friuli Oriental e Províncias de Trieste e Gorizia), Montenegro (Boka Kotorska), Romênia (Transilvânia, Banat Oriental e Bucovina do Sul), Polônia (Galiza Ocidental), Ucrânia (Rutênia, leste da Galiza e norte da Bucovina). Os demais mapas mostram as suas cinco macrorregiões histó-

² PUH, Milan. *Imigração como relato: experiências de viajantes croatas*. São Paulo: E-artigos, 2018, pág. 146, DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v5i5p139-172

³ Os mapas foram gerados pelo autor utilizando exemplos pré-existentes nos sites Berndts' Travel Site, On-Croatia.com e da ONU, mantendo idioma inglês para possíveis leitores estrangeiros.

⁴ TIKKANEN, Amy. *Austria-Hungary*, Chicago: Encyclopædia Britannica Inc. Corporate Site, 2019, acessado em 12-JUN/2020, disponível em: <https://www.britannica.com/place/Austria-Hungary>

ricas da Croácia e as principais cidades mencionadas neste artigo.



Por volta de 1806, época da Revolução Francesa, a cidade de Dubrovnik optou por render-se ao exército de Napoleão que estava em guerra com os Habsburgos⁵, tendo conquistado a Ístria e quase toda a região da Dalmácia, ane-

⁵ Os Habsburgos foram uma família real de origem alemã que governou a Áustria desde

xando-os ao Reino da Itália⁶. A presença francesa deixou um legado cultural e de construções importantes, sendo que algumas perduram até hoje na região de Pula. Mais tarde, em 1813, quando o general austríaco L. Nugent Westmeath se viu cercado pelo exército francês ao tentar reconquistar a Ístria, o capitão croata Josip Lazarić⁷ organizou uma revolta com camponeses da Ístria e outros cinquenta e cinco soldados retomando o controle sobre esta região em apenas dez dias, sendo premiado por bravura. Alguns anos mais tarde recuperaram também a região de Rijeka, elevando a região ao status de “Reino da Ilíria”.

Nos anos 1830 houve um Renascentismo Nacional da Croácia marcado pelo surgimento de diversas instituições croatas, como a biblioteca nacional, pela publicação do acordo ortográfico da língua croata e pelo protagonismo de Ljudevit Gaj, o que contribuiu ativamente para o ressurgimento da identidade croata e da sua vida política e cultural. Este ícone também inaugurou um jornal com viés político chamado “Notícias Croatas”, auxiliando no processo de disseminação da política, cultura e informação, bem como no processo de unificação linguística.

Abrindo um pequeno parêntesis, a língua croata tem a mais longa tradição escrita de todas as línguas eslavas do sul, com documentos como a Tabuleta de Baška que data de antes do ano 1100 D.C. A moderna língua padrão é baseada no dialeto *htokaviano*. Há dois outros dialetos, o *tchakaviano*, falado na Ístria e na Dalmácia, e o *kaikaviano*, falado na região de Zagreb. Estes ficaram na função de dialetos regionais, enquanto o primeiro foi elevado à padronização e ao nível nacional⁸.

Retornando ao processo de renascimento, este não foi uniforme, pois havia mais de uma vertente no sentimento de formação nacional, como o liderado pelo Conde Janko Drašković, que pretendia formar pensadores para um futuro levante para unificação dos eslavos, mostrando que os croatas eram muito divergentes quanto ao caminho seguir. Neste contexto, existiam outras propostas contrárias à unificação cultural, ideológica e linguística da Croácia, vinda de países externos como a Áustria, Hungria e Itália.

final do século XIII até 1918. Seu domínio se estendeu também a muitos outros países como República Tcheca, Hungria e Espanha. Em 1867 o imperador Habsburgo dividiu seu império com a Hungria e o novo estado chamou-se Império Austro-Húngaro, aniquilado em 1918 (Britannica Escola, “Habsburgos”, acessado em 27-MAI-2020 em <https://escola.britannica.com.br/>)

⁶ *Le Province Illiriche: Cenni storici Più dettagliatamente*. Pazin: Istarska županija, 2010, acessado em 12-JUN-2020, disponível em:

<https://www.istra-istria.hr/index.php?id=731>

⁷ Hrvatska Enciklopedija. *Josip Lazarić*, Zagreb: Leksikografski zavod Miroslav Krleža, 2020, acesso em 27-MAI-2020, disponível em:

<https://www.enciklopedija.hr/natuknica.aspx?id=35702>

⁸ Para maiores detalhamentos da história da língua croata indico a leitura do livro “Croácia no Brasil entre 1918 e 1941: segunda fase de imigração”, de Milan Puh.

Continuando a abordagem histórica, por volta de 1840, no então chamado Reino da Croácia e Eslavônia, havia disputas em diversos planos com a Hungria, que exigia que o idioma húngaro fosse oficializado nos escritórios públicos e escolas da região, sendo isso rejeitado pelo Rei Ferdinand V, causando mais abalo na relação Croácia-Hungria. Entre 1851 e 1859 o processo de autonomia croata sofreu grande abalo, pois o conde austríaco Alexander Bach assumiu o posto de ministro do interior, impondo censuras como a substituição do sistema de governo para um regente imperial, a divisão da Croácia em cinco distritos, a introdução forçada do idioma germânico como língua oficial nos meios administrativos e instituições de ensino e o banimento da bandeira croata.

Em 1860 o Imperador Francisco José I da casa dos Habsburgos aboliu o absolutismo e reinseriu a constituição da Croácia e Hungria, reintroduzindo o idioma croata no ensino e na vida pública como resultado das demandas intensas dos croatas já envolvidos com o projeto de constituição nacional. Este despertar⁹ de consciência nacional na região litorânea da Croácia, que ficou sob comando direto da corte austríaca, teve como consequência uma disputa entre italianos e eslavos pelo domínio sobre Ístria e Dalmácia. Neste último local os italianos foram reduzidos por esse conflito. Mesmo anos mais tarde, em 1909, a língua italiana foi proibida nos edifícios públicos e os italianos foram expulsos das administrações municipais.

Em 1870 a região fronteiriça da Eslavônia finalmente foi desmilitarizada e por volta de 1881 foi incorporada ao Reino da Croácia e Eslavônia. O final do século XIX foi marcado pelo advento de avanços tecnológicos com a inauguração da primeira hidroelétrica em 1895, o primeiro telégrafo e a primeira estação telefônica em 1889.

Neste período de maior autonomia, inaugurado pelas políticas do Imperador Francisco José I, desejava-se cada vez mais a busca por um estado autônomo croata dentro do Império Austro-Húngaro. Assim, em 1904, os irmãos Antun e Stjepan Radić fundaram o “Partido Campesino Croata” que buscava a união de todos os territórios croatas dentro do império, sendo ele formal crítico contra a emigração, publicando diversos artigos jornalísticos sobre a situação do agricultor croata, criando a hipótese de que a perda de população adulta croata resultaria na chegada de milhares de colonos germânicos e húngaros em seu lugar, o que já estava sendo colocado em prática naquele momento.

Após a primeira década do século XX o mundo se viu mergulhado nas sombras da Primeira Guerra Mundial, que teve como estopim o assassinato de Francisco Fernando pelo nacionalista sérvio Gavrilo Princip em 28-JUN-1914 na cidade de Sarajevo, Bósnia e Herzegovina. Um mês após o ocorrido, o Império ⁹ *Italiani di Croazia*. Wikipedia, 2020, acessado em 12-JUN-2020, recomendado pela Comunith degli Italiani di Visinada, disponível em: https://it.m.wikipedia.org/wiki/Italiani_di_Croazia?fbclid=IwAR3W-iA7QHUL55w-0qREU4S8ZFhBaZ2vVREmdOLOG2SZQh5SaDSR3YsW0W-E

Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia, iniciando assim os conflitos. De um lado estava a Sérvia, um país vitorioso contra a Turquia na Guerra dos Balcãs em 1912-1913, e do outro lado o império que buscava aumentar posses territoriais no leste e os recursos minerais da região balcânica. A Croácia, como membro do Império, lutou ao lado da Tríplice Aliança (Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Reino da Itália) contra a Tríplice Entente (Reino Unido, França e Império Russo). Os conflitos se prolongaram até 11-NOV-1918, dia conhecido como “Dia do Armistício”, com a assinatura do Armistício de Compiègne, tratado assinado entre a Tríplice Entente e a Alemanha na cidade francesa de Compiègne, marcando o final da Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, ocorreu a formação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (futuro Reino da Iugoslávia em 1929), sendo importante mencionar que, devido a tantas instabilidades desde o início do século XIX, sempre houve um grande deslocamento populacional, especialmente nas regiões da Eslavônia e Dalmácia em função da fronteira com a Hungria.

A primeira fase da imigração (Até 1918)

Uma vez apresentado o cenário social e geopolítico em que se encontrava a Croácia, discutiremos sobre os acontecimentos históricos da primeira fase da imigração, suas origens e destinos, números dos deslocamentos e desdobramentos na Croácia e Brasil.

Diferente do que se pode imaginar, a primeira fase da emigração croata não foi somente por motivos econômicos, como tem sido colocado por muitos estudiosos do assunto, mas devido às decisões políticas nacionais e internacionais que influenciaram diretamente na vida econômica dos croatas. Outro fato interessante é que a emigração não provinha majoritariamente do seu litoral. Por outro lado, como em muitos outros países europeus, também existiu na sociedade croata um forte sentimento de “fazer a América” e conquistar a sua própria terra, que se agregava à já mencionada real necessidade financeira. Houve na época grandes e articuladas agências de propagandas que tiveram um grande papel no despertar de necessidades e desejos de emigração.

Ljubomir Antić, um grande especialista da emigração croata desta primeira fase, escreveu um importante artigo publicado muitos anos atrás no jornal da SAIUG (Sociedade Amigos da Iugoslávia), atual SADA (Sociedade Amigos da Dalmácia) apresentando os primórdios da presença croata em São Paulo. Nesta publicação ele diz que a imigração mais intensa dos croatas na América Latina iniciou-se na década de 1880 na Argentina, Chile, Bolívia e Peru. Segundo recentes estimativas¹⁰ do governo croata estes países possuem atualmente cerca de

¹⁰ NUKIC, Ina. *Croatia's Government Turning A Deaf Ear To Concerns From Diaspora - Third Meeting of Croatian Government's Advisory Council for Croats living outside*

250.000, 200.000 e 14.000 (referente à soma de Bolívia e Peru) croatas e seus descendentes. Apenas para fins comparativos, outros países receptores são os Estados Unidos com 1.2 milhões, Canadá com 350.000, Venezuela, Equador e Paraguai somando 18.000, países do sul da África com 25.000, Austrália com 350.000 e Nova Zelândia com 100.000 croatas.

Apesar de o Brasil ser o maior país da América do Sul e Central, não atraiu em larga escala os imigrantes croatas em sua primeira fase. A forte exploração inicial dos imigrantes nas fazendas paulistas fez com que se propagasse no exterior que tal situação era permanente, afetando a vinda dos croatas ao país. Sabendo deste cenário os jornais na Croácia desaconselhavam a mudança ao Brasil, unindo-se a eles jornais de outros países.

É importante relatar que a emigração começou primeiro no Reino da Dalmácia, aonde chegou a ter proporções massivas. Sua economia no século XIX se desenvolvia lentamente em meio a diversas crises já mencionadas durante o período de Renascimento Nacional Croata. A região somente era interessante para a monarquia como ponto militar estratégico e sua política visava deixá-la assim. A maioria das propriedades era de pequena extensão e quem possuía grandes fazendas eram comerciantes que investiam na compra da terra e as alugavam aos camponeses sem terra para fins de cultivo, integrando o sistema de colonato. Em sua maioria era aplicada a monocultura para produção de vinho, tendência forte nas ilhas e região litorânea. Por falta de terra arável e produtiva, o dalmata tinha que comprar a maioria dos seus alimentos e suprimentos.

Em relação aos Reinos da Eslavônia e da Croácia, sua emigração massiva teve outras razões e aconteceu depois da região da Dalmácia, iniciando-se por volta de 1890, época do *ban*¹¹ (a mais alta autoridade estatal da Croácia e da Eslavônia nomeada pelo rei) Khuen Hedervary. Nessa época houve uma política de favorecimento ao Reino da Hungria em detrimento de outros reinos, direcionando 55% dos impostos croatas para projetos compartilhados entre os dois países, em que a elite húngara tinha maior representatividade e poder. Como consequência, houve falta de investimentos nas cidades ocasionando um crescimento lento.

Durante o século XIX¹², um número considerável de artesãos italianos

Croatia, Varaždin: Croatia the war and the future, 17-NOV-2019, acesso em 20-DEZ-2019, disponível em <https://inavukic.com/2019/11/17/croatias-government-turning-a-deaf-ear-to-concerns-from-diaspora/>

¹¹ Enciclopédia croata edição online. *Ban*, Zagreb: Lexicographic Institute Miroslav Krleža, 2020, acesso em 10-JUN-2020, disponível em:

<http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=5627>

¹² *Croatizzazione*. Wikipedia, 12-ABR-2020, acessado em 12-JUN-2020, recomendado pela Comunità degli Italiani di Visinada, disponível em:

https://it.m.wikipedia.org/wiki/Italiani_di_Croazia?fbclid=IwAR3W-iA7QHUL55w-

mudou-se para viver em Zagreb e Požega (Eslavônia), onde muitos de seus descendentes ainda vivem. Os croata-italianos passaram por um processo de “croatização” nos últimos dois séculos. Esse processo foi contundente, especialmente na Dalmácia onde, em 1865, os censos austríacos registraram 55.020 falantes de italiano, equivalentes a 12,5% do total, reduzidos em 1910 para 18.028 (2,8%). Por outro lado, as regiões da Ístria e Rijeka receberam maiores investimentos e crescimento econômico devido ao interesse austríaco em desenvolver sua frota comercial em virtude do porto de cargas em Rijeka e do porto de passageiros em Trieste, bem como sua frota militar localizado no porto na cidade de Pula. Devido ao crescimento econômico das cidades litorâneas, o excesso de população agrícola que não conseguia viver da terra mudou-se para esses centros urbanos, desfavorecendo uma maior emigração para fora da Croácia neste período. Na revista “Zadrugar” de 1913 menciona-se que na região da Dalmácia havia municípios com fortes emigrações, como em Makarska, Supetar, Hvar, Korčula, Dubrovnik e Kotor, sendo que nestas cidades, ao longo de 30 anos de emigração, houve uma melhora de vida aos que permaneceram na região, já que se libertaram do sistema de colonato, aumentaram suas propriedades e conseguiram poupar dinheiro, o que mostra o outro lado da emigração e seus efeitos no país de origem. Em relação aos municípios ou regiões com fraco índice de emigração estavam Split, Benkova, Knin, Metković, Sinj, Šibenik e Zadar.

Outro fator gerador de emigração foi a Cláusula do Vinho, um acordo comercial realizado em 1891 entre o Império Austro-Húngaro e a Itália, com o interesse político em atrair a Itália como membro da Aliança Tripartite, no qual foram reduzidos os impostos para importação dos vinhos italianos que eram de qualidade superior, cujos gastos com transportes eram menores e tinham maior rentabilidade, passando a dominar o mercado do império. Para piorar a situação, os franceses que antigamente compravam o vinho da Dalmácia para completar sua baixa produtividade, conseguiram retomar a produção de vinho nas últimas três décadas do século XX. A Dalmácia, com sua monocultura da uva, não conseguiu como província do império impedir a assinatura do contrato e, dessa forma, tanto a procura interna e externa diminuíram causando transtornos econômicos nesta região litorânea croata.

Ainda no século XIX, outro motivo que impulsionou a emigração foi a Legislação Trabalhista Agrícola de 1898 que sujeitava os trabalhadores a diversas obrigações perante o Estado. Isto interferiu nas cooperativas familiares, cuja importância era grande na cultura croata, causando¹³ desestruturação com a dimi-

0qREU4S8ZFhBaZ2vVREmdOLoG2SZQh5SaDSR3YsW0W-E

¹³ PUH, Milan. *Croácia no Brasil até 1918: Primeira fase de imigração*, São Paulo: Milan Puh(Org.); Rafael Padula Maradei, Roger Cavalheiro Silva, 2017, pág.147

nuição das terras disponíveis para cultivo. Essa estrutura social tribal privilegiava as relações entre os membros da extensa família que se ajudavam, difundida desde a chegada dos eslavos, e que entrou em decadência no final do século XIX devido ao liberalismo que corroía as relações familiares tradicionais, provocando muitos deslocamentos internos e fora dele. Além disso, naquela época havia uma nova lei da emigração italiana que não exigia que os estrangeiros apresentassem o passaporte, documento mais difícil de ser concedido, permitindo que os croatas saíssem com outros documentos, mesmo após a proibição da emigração pelo governo croata em 1897, que não impediu totalmente as emigrações. Desde 1893 a emigração já estava sob supervisão da polícia e a partir de 1898 os governantes croatas decretaram a coleta de estatísticas a respeito da emigração. Em 1901 saiu um decreto que regulava a venda de passagens pelas agências de viagens e proibia qualquer tipo de persuasão por meio de folders, itinerários e materiais de propaganda.

Um motivo menos conhecido e distinto do fator político-econômico que impulsionou a emigração é que a sociedade croata tem um histórico de deslocamentos internos e externos, possibilitando novas mobilidades em cadeia com mais facilidade. Outro motivo interessante está relacionado a uma tradição milenar croata de viajar e servir em diferentes companhias de navegação, possibilitando que o povo tivesse contato além das suas fronteiras comuns, uma vez que possivelmente tinham algum familiar ou conhecido residindo no exterior.

Para o público estrangeiro que não têm intimidade com a história da imigração no Brasil vale a pena comentar resumidamente que, a partir da segunda metade do século XIX, surgiram as primeiras leis sobre a imigração que visavam à captação de mão de obra estrangeira a fim de suprimir a futura escassez de braços escravos nas lavouras. O país, por intermédio de agentes captadores na Europa, trabalhou por muitos anos com forte propaganda de imigração. Paralelamente ao processo de abolição da escravidão que se finalizou na década de 1880, o Brasil passou a favorecer ativamente a imigração, proporcionando passagens subvencionadas ou gratuitas para imigrantes europeus, bem como concretizando a fundação da Sociedade Promotora de Imigração que fomentava a entrada dos imigrantes, especialmente ao sudeste brasileiro. O Estado de São Paulo, por exemplo, optou em 1893 por manter a imigração subvencionada, pagando pela vinda desses imigrantes para a lavoura paulista. Em 1888 já havia sido construído na cidade de São Paulo um dos pontos mais marcantes na vida dos ancestrais de muitos paulistas e paulistanos: a Hospedaria dos Imigrantes do Brás. Após o desembarque¹⁴ no porto de Santos os imigrantes eram transportados de trem até a Hospedaria dos Imigrantes na capital, onde os que não possuíam um contrato prévio de trabalho eram

¹⁴ HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração Italiana em São Paulo: 1880-1889 Os primeiros contatos do imigrante com o Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

matriculados e abrigados por um período não superior a oito dias, até que as autoridades escolhessem uma cidade de destino com um posto de trabalho definido.

Esta primeira fase de imigração croata também ficou conhecida pelo senso comum de “segunda escravidão”, pois a maioria dos croatas chegados entre 1880 e 1918 vinha de uma estrutura social marcada pelo feudalismo e sua servidão, integrando um quadro brasileiro de recém-libertação dos escravos, mostrando atitudes escravistas agora aos imigrantes. A mesma tendência continuou nos anos 1920, durante a chamada segunda fase da imigração, encerrando-se nos anos 1930 com a instauração do regime de Getúlio Vargas que começou a incentivar a economia nacional, a industrialização e a urbanização.

Através do livro do prof. Milan Puh, que exemplifica a emigração croata através de relatos dos próprios, vemos que esta emigração teve um ápice no ano de 1897, quando foi proibida em função da exploração. Houve propaganda emigracionista, realizada por grandes companhias de navegação para atrair imigrantes com condições que pareciam perfeitas para um agricultor empobrecido croata que recém tinha deixado de ser servo, reforçando a imagem de uma terra de oportunidades sem grandes investimentos. Já na Europa os propagandistas italianos, austríacos e alemães, contratados pelas grandes companhias de navegação faziam circular cartas, publicação em jornais e chamadas oferecendo travessias gratuitas ao Brasil, além de oito hectares de terras para cada família, com direito a uma casa provisória, equipamentos para a agricultura e pagamento parcelado em até dois anos. A propaganda enganosa foi tão significativa e perceptível que o governo croata teve que propor uma legislação para reprimir os agentes. Os croatas mais afetados foram aqueles das regiões agrícolas mais empobrecidas da Croácia, onde seus habitantes venderam casas e terrenos inteiros para a compra da passagem até algum grande porto e pagamento dos agentes organizadores da viagem.

Existem relatos documentados e relatórios policiais croatas que mostram que houve imigrantes croatas que uma vez chegados ao Brasil não quiseram ou não conseguiram permanecer, retornando meses depois à Croácia e denunciando a exploração a que foram submetidos, acarretando na proibição temporária pelo governo austríaco de novas emigrações ao Brasil no final do ano de 1897. Em um destes relatórios havia uma lista elaborada pelo consulado do Império Austro-Húngaro com o nome de 200 imigrantes em sua maioria croatas, com alguns eslovenos, húngaros e sérvios, que seriam encaminhados para a formação de uma colônia no Rio Grande do Sul.

Estabelecimento dos croatas no Brasil

Não há dados concretos a respeito da data de chegada dos primeiros croatas ao Brasil como imigrantes. Algumas fontes, como as do Cônsul Venceslau Paeta, apontam para a metade do século XIX. Outro membro destacado da co-

munidade, Dušan Tvrdoreka, mencionou que havia cinco imigrantes em 1891 e no ano seguinte oito deles vivendo na própria cidade de São Paulo, o que indica que a cidade de São Paulo não era o principal destino da maioria dos imigrantes, que se apresentam em maior número só nos anos 1920. O próprio Venceslau Paeta foi viver em São Paulo no ano de 1891 com seu parente e farmacêutico, Tito Srdoč, desembarcado em 1886, época em que havia apenas mais um croata de seu conhecimento, Petar Ivanjko. No ano de 1893 chegam à cidade de São Paulo Djuro Kraljević, Mirko Hibšer, Stipan Gradac, Pasko Baranović, Pavao Luketin e poucos outros. Diz Paeta que, ao chegar novos croatas, estabeleciam contato e acabavam trabalhando na mesma fábrica onde tomavam as refeições e possuíam um quarto e refeitório em comum, vivendo como uma família. Liam poesias e tocavam tambura, instrumento de cordas típico da Croácia e sua região. Em 1895 esta fábrica foi liquidada e foram trabalhar na fábrica Bavária, que veio a acolher os que chegaram posteriormente. Com o aumento no número de imigrantes e por não terem uma organização própria, os croatas se associaram ao “Viribus Unitis”, uma sociedade austro-húngara. No começo do século XX, Mirko Hibšer, Peroslav Hibšer e Franjo Turk organizaram um conjunto instrumental e de canto em 1902. Mais tarde em 1907 convidaram muitos croatas da cidade para a sociedade recreativa “Falcão Iugoslavo”, constituído pelos citados acima mais Franjo Košut, Pavao Luketin e Baldo Pavičić.

Existem também relatos de dois croatas conhecidos como Irmãos Seljan, de nome Mirko e Stevo Seljan, naturais da cidade de Karlovac que vieram ao Brasil não como imigrantes, mas contratados pelo governo brasileiro com a missão de exploração do oeste do país, após ficarem conhecidos por explorações na Etiópia. Em 1903 no Rio de Janeiro criaram a empresa *Misión Científica Croata*, iniciando a viagem pelas Cataratas do Iguaçu, explorando a parte paraguaia e brasileira, descendo até Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, onde foram contratados para explorar um caminho de Cuiabá até Santarém, no Pará. Deixaram rico material em livros, contos, cartas e diários de viagens, contribuindo para uma exposição na Croácia em 2018 no Museu Etnográfico de Zagreb¹⁵. Mirko acabou desaparecido em 1914, mas seu irmão morreu em 1936 em Ouro Preto, onde constituiu família, sendo pai da Aracy e Zora Seljan, escritora sobre a África e a questão afro-brasileira. Zora casou-se com o jornalista Rubem Braga com quem teve em 1937 Roberto Seljan Braga.

Outros imigrantes, por não concordarem com o tratamento recebido nas fazendas ou não conseguindo comprar terras, migraram para a cidade de São Paulo, fazendo com que a comunidade croata em São Paulo seja essencialmente urbana, ao contrário das estabelecidas no Paraná. Semelhante aos escravos negros

¹⁵ *Explorations by the Seljan Brothers*, Zagreb: Ethnographic Museum, 2017, acesso em 03-MAI-2020, disponível em <http://bracaseljan.emz.hr/DefaultEN.aspx>

brasileiros, os imigrantes croatas também se deslocavam em busca de melhores condições, resistindo ou fugindo para conseguir seu direito a terra. Parte dos imigrantes que acabaram regressando ao seu país origem estavam inseridos na situação de produção agrícola latifundiária com a obrigação de trabalhar para os barões de grandes terras, enquanto outra gama de imigrantes recebeu um terreno virgem para transformar em terra arável. Certamente uma parte conseguiu pagar suas dívidas e comprar antigas fazendas formando pequenos núcleos de imigrantes. Este foi o caso das famílias Fijacki e Ban que habitaram a região de São José do Rio Preto e Mirassol, após estada na fazenda Veridiana da família Prado, tornando-se proprietário de terras, loteando e vendendo para a população.

A situação do imigrante naquela época era extremamente difícil, porém a condição das pessoas na Croácia, o pouco conhecimento da situação no Brasil e o discurso sedutor dos agentes de imigração fez com que as pessoas quisessem sair de suas terras de qualquer modo. Um importante indicador dessa realidade de más condições encontradas pelos imigrantes é o relatório da Secretaria da Agricultura, disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde notamos que o governador da época, Campos Salles, relata que imigraram cerca de 74.000 ao Estado de São Paulo e que no período de 1894-1896 cerca de 23% dos imigrantes retornaram aos seus países. No livro do Prof. Milan Puh foi anexado um relato prestado à polícia da cidade de Mrkopalj pelo imigrante Nikola Kučan retornado em 1897, onde ele relata a duração de vinte e um dias até chegar ao Brasil, as famílias que viajaram juntas, o valor pago ao agente imigratório, o valor ganho com a venda do seu terreno na Croácia e a trajetória percorrida partindo desde a estação de trem de Lokve até o porto de Rijeka. Posteriormente, a viagem de trem até cidade de Udine e do porto de Genova até o porto de Santos. Em suas palavras, conta que na viagem de Santos a São Paulo foram colocados em um vagão de carga com barras e trancados como se fossem animais selvagens, viajando desde o meio-dia até dez e meia da noite quando chegaram a São Paulo. Lá foram levados a um prédio enorme perto da estação de trem, a Hospedaria dos Imigrantes, onde os barões¹⁶ os inspecionavam da cabeça aos pés, querendo ver quem tinham comprado, tratando-os como se fossem escravos. Uma vez nas fazendas, foram colocados nas antigas casas de escravos, em péssimo estado, dantes abandonadas e tiveram que compartilhar o mesmo espaço, gerando um forte sentimento de rejeição a qualquer tipo de tratamento que se aproximasse de escravos¹⁷.

¹⁶ Título nobiliárquico imediatamente inferior ao de visconde. Senhor feudal. Homem ilustre por seus feitos e por sua riqueza, conforme *Barão*. Dicionário brasileiro Michaelis Online, São Paulo: Editora Melhoramentos, 2020, acessado em 10-JUN-2020, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/barao>

¹⁷ PUH, Milan. Croácia no Brasil até 1918: Primeira fase de imigração, São Paulo:Milan Puh(Org.), 2017, pág.125

Em relação à família Fušek Marko, Adam é mencionado em uma carta escrita por um companheiro de imigração que residira na mesma vila de Markovac na Croácia de nome Andrija Hohoš, cujo conteúdo descreve o enorme descontentamento e engano sofrido por ele e pelas famílias de Josip Helegda, Andro Povinecz, Adam Marko, Stefan Katorjenčik e Ivan Segeš, todas localizadas na região de Pariquera-Açu e Cananéia. A carta foi endereçada ao prefeito Stjepan Kovačević da cidade de Našice com um pedido de prisão do agente de imigração pelo nome de Gergolet, citado também por outros croatas como fraudulento, por prometer ganhos irreais. Andrija pede ao prefeito que mostre a carta carimbada por ele a toda população desejosa de ir ao Brasil, em especial à sua esposa Ana, para que não caiam na mesma armadilha. Durante as pesquisas foi possível localizar Slavko Hohoš, neto do imigrante e residente em Osijek, que gentilmente cedeu uma cópia do jornal local com a carta publicada em idioma croata arcaico¹⁸, conforme segue¹⁹:

¹⁸ Tradução livre. Por ser uma escrita arcaica mantive ao máximo sua originalidade com receio de desvirtuar a mensagem.

¹⁹ Cópia do jornal do condado de Virovitica (Vjesnika Virovitičke županije) com publicação da carta de Andrija Hohoš ao prefeito de Našice, 15-FEV-1897, em posse de Slavko Hohoš, extraído do Arquivo Estadual de Osijek, Croácia.

(Pismo iz Brazilije.) Andrija Hohoš, postolar iz Markovca u kotaru našičkom, koji se iselio u Braziliju 11. studenog 1896., piše slijedeće: »Colonia Velha, Brazilija, 13 siečnja 1897. — Blag. g. Stjepanu Kovačeviću, načelniku u Našicah. Dajem Vas na mnogo hiljada puta liepo pozdraviti i gospoju Vašu, cielu obitelj i sve naše občinskog poglavarstva činovnike, kao moje pretpostavljene.

Dajem Vami znati, da smo mi došli svi zdravi do ove proklete Brazilije, ali svatko je stradao, indi odlučio sam, da Vami po Vašoj želji sve najavim, što je i kako je.

Mi smo došli kavu kopati i imamo dobre zaslužbe po obećanju lopova Gergoleta. Ima nadnica od 50 i 60 n, a sve je skupo. Kila brašna žitnoga stoji 35 n., krumpir 30 n, i svakoja stvar, što košta u našoj miloj Slavoniji 1 for, ovdje košta 10 for.; samo ta jedina kava je jeftina, jerbo tu i drugo tako nerodi. Što je rekao naš g. predstojnik, da se crvi zalegnu izpod noktiju, to ne samo izpod noktiju, nego makar gdje na zdravom mjestu; ja ih već imam u ovo kratko vrijeme do 100, to će me pojest do devete kože.

Indi Vas uljudno molim, odgovarajte narod, da se netope naše ljudi. Nek naši Slavonci sjede na mjestu, kad smo se mi nekolicina utopili, nek se svi bar neutope; pokažite molim Vas ovaj list svakome, koji bi rad ići u Braziliju, kojega sa mojim pečatom potvrđujem.

Ujedno molim, da izručite mojoj supruzi Ani Hohoš u Markovcu moj ovaj drugi listak, ali samo čim brže, da se nebi i ona prevarila, pa ovamo došla, a toga lopova iz onih Budimaca Lalića (valjda agent?), toga da možete zatvorom kazniti. Ako meni g. Bog pomože doći natrag, taj mora onda proseći tci, tog ću ja uvrebat, ma gdje bio.

Sada Vam dajem znati, mi smo zajedno nas 6 familija t. j. moj brat Gjuro Hohoš i Helegda Josip i Povinjec Andro i Marko Adam i Katorjenčik Stefan i Segeš Ivan; a oni drugi su se drugomu grofu podpisali, jerbo tu se mora svaki dati grofu podpisati, a onda jedva da zasluži toliko, koliko pojede.

Za sada Vas još jedan put liepo dajem pozdraviti i svu našu štovanu gospodu obč. poglavarstva. Ujedno pozdravljam na mnogo puta i g. predstojnika Josipa Zulechnera i svu gospodu kot. oblasti.

Ostajem Vaš prepoznizan sluga Andrija Hohoš, postolar.

Samo molim izručite mojoj supruzi i ovaj isti kovert, da Vami povjeruje, da je to od mene priposlan list.◀

Slijedeći put donijet ćemo list od drugog iseljenika, koji ništa bolje nepiše. Da li će se jošte i sada naći ljudi, koji će Gergolu i drugim izjelicam vjerovati?

Andrija Hohoš, sapateiro de Markovac, distrito de Našice que emigrou ao Brasil em 11 de novembro de 1896, escreve o seguinte:

Colônia Velha, Brasil, 13 de janeiro de 1897.

Senhor Stjepan Kovačeviću, prefeito de Našice,

Gostaria de cumprimentá-lo milhares de vezes e à sua senhora, toda a familia

e todos os nossos funcionários municipais, como meus superiores.

Avisei que todos nós viemos para este maldito Brasil saudável, mas decidi que todos foram mortos para anunciar tudo a você, a seu pedido, o que é e como é.

Vimos plantar café e ter bom mérito, como prometido pelo ladrão Gergolet. Ele tem um salário de 50/60 n., E tudo é caro. Um quilo de farinha de grão custa 35 n., Batatas 30 n., e tudo o que custa em nossa querida Eslavônia 1, por aqui custa 10 vezes; só que um café é barato, porque aqui e ali não funciona assim.

O que nosso diretor disse, que os vermes estão sob as unhas, não apenas sob as unhas, mas pelo menos em algum lugar em um local saudável; Eu já os tenho neste curto espaço de tempo até 100, ele vai me comer até a nona pele. Indi, peço a gentileza de responder ao povo, para não derreter o nosso povo. Que nossos eslavos fiquem quietos, se alguns de nós se afogaram, nem todos se afogarão; por favor, mostre este documento a qualquer pessoa que queira ir ao Brasil, o que eu confirmo com o meu selo.

Ao mesmo tempo, peço que você entregue minha segunda lista à minha esposa Ana Hohoš, em Markovac, o mais rápido possível, para que ela não seja enganada e venha aqui, e aquele ladrão Budimac Lalić (adivinhe o agente!), que você pode punir com prisão. Se o Senhor Deus me ajudar a voltar, então ele deve implorar para vir; eu o perseguirei, onde quer que ele esteja.

Agora que eu saiba, estamos juntos 6 famílias t. j. meu irmão Gjuro Hohoš, Helegda Josip, Povinjec Andro, Marko Adam, Katorjenčik Stefan e Segeš Ivan; e os outros assinaram para a outra contagem, porque todos devem ter permissão para assinar a contagem, e então ele dificilmente merece tanto quanto come.

Por enquanto, gostaria de cumprimentá-lo mais uma vez e cumprimentar todos os nossos estimados senhores. Ao mesmo tempo, saúdo o Sr. Josip Zulechner e todos os senhores muitas vezes. Continuo sendo seu humilde servo, Andrija Hohoš, sapateiro. Por favor, entregue para minha esposa este mesmo envelope, para que ela acredite em você, que é uma carta enviada por mim. Da próxima vez, traremos uma folha de outro emigrante, que não escreve nada melhor. Ainda haverá pessoas que confiarão em Gergol e em outros comedores?

Percebemos assim que a imigração era um negócio lucrativo naquela época e, portanto, havia grande articulação entre as companhias, os governos, fazendeiros brasileiros, agências internacionais e agentes locais para que o maior número possível de imigrantes fosse levado especialmente para o Brasil que subsidiava as passagens.

Todavia houve também alguns trabalhadores que foram empregados nas ferrovias e portos, como é o caso de Toma Marko, filho de Adam Marko, que deixou a colônia de Pariquera-Açu em data desconhecida e foi residir em Santos/SP. Conforme o seu prontuário de estrangeiro²⁰ emitido em 1939, ele estava solteiro com 50 anos de idade residindo na Rua São Bento nº15, localizada no bairro do Valongo, efervescente centro histórico da cidade. Este endereço está praticamente às margens do Rio Pedreira, local onde ele usava pequenas embarcações para chegar ao sítio Chacrinha com sede na enseada de Santa Rita, pertencente à Adelino da Rocha Brites, cuja família é famosa até os dias atuais. No sítio dele tinha uma olaria e plantação de bananas, sendo vendido pouco depois para a Companhia de Siderurgia Paulista (COSIPA)²¹ por ter uma enorme extensão.

Nota-se dessa forma, que na imigração ao Brasil, os croatas e outros eslavos do sul iam principalmente para a grande lavoura paulista, enquanto os poloneses e ucranianos foram em sua maioria para o sul do Brasil. Imigrantes que viam de climas mais frios, como os germânicos, poloneses, ucranianos e russos, iam para as regiões mais ao sul do país ou para regiões mais altas do sudeste, enquanto os de climas mais quentes como espanhóis, italianos, portugueses ou eslavos meridionais, como os croatas, eslovenos e montenegrinos, foram destinados em substancial quantidade para as fazendas do sudeste.

Problemática na identificação de croatas

Em busca de trabalhos robustos na área encontrei o projeto do Prof. Milan Puh e Roger Cavalheiro Silva que atuaram diretamente nos acervos da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, em documentos entre 1882 e 1918. O enfoque foi resgatar, dentro do universo da “nacionalidade austríaca” oriunda do Império Austro-Húngaro, quem verdadeiramente eram os croatas imigrados ao Brasil.

Primeiramente deve-se ter em vista que a Croácia sofreu diversos deslocamentos sociais internos e externos e, por isso, nem todo cidadão nascido na Croácia é necessariamente etnicamente croata, podendo haver grupos étnicos com culturas e pertencimentos diferentes, ainda que habitem por diversas gerações em um determinado local. Como diziam muitos antigos imigrantes: “gato que nasce no forno não é biscoito!”.

²⁰ Prontuário de Estrangeiro, SPMAF Santos, RNE nº197, 1939, Delegacia de Polícia de Santos/SP, Thomaz Marko, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

²¹ COUTO, Joaquim Miguel. *Entre estatais e transnacionais: O polo industrial de Cubatão*, Campinas: Unicamp, 2003, pág.114, 232p, Tese(Mestrado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas.

Uma evidência²² deste fato na história da Eslavônia é que, desde os tempos mais antigos, refletindo ainda nos dias atuais, vemos naquela região a presença de alemães conhecidos como Suábios do Danúbio (ex: família Wirges que imigrou ao Brasil), de eslovacos como mostra a própria imigração das famílias Hohoš, Povinecz e Fušek (de origem eslovaca, portanto Fuszek), techos, sérvios (família Han), húngaros (família Balingask) e outros.

Uma realidade de muitos países com forte tradição imigratória como é a brasileira e que gera muitos infortúnios aos pesquisadores e aos próprios descendentes são as crassas distorções sofridas nos nomes e sobrenomes dos imigrantes ao logo do trajeto imigratório ou no seu estabelecimento no país, muitas vezes obrigando os descendentes a irem à justiça para retificações. Um exemplo corriqueiro é a italianização dos nomes em listas de navio vindas dos portos da Itália ou germanização em portos da Alemanha. Há também erros de escreventes em hospedarias, cartórios, paróquias, registro dos estrangeiros nas instituições brasileiras e outros, sem contar que muitos imigrantes não sabiam escrever no idioma pátrio ou se comunicar no país que o recebia. Apenas para exemplificar, apesar do seu grande movimento, a Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo possuía até 1889 somente um intérprete para tratar com todos os imigrantes²³.

Para conhecermos um pouco destas variações²⁴, listamos alguns nomes croatas que aparecem em documentos imigratórios brasileiros²⁵, seguido das versões em português, italiano e alemão para facilitar o entendimento.

<i>Croata</i>	<i>Português</i>	<i>Italiano</i>	<i>Alemão</i>
Adam	Adão	Adamo	Adam
Alen, Alan	Alan	-	-
Alojz, Alojzije	Luís	Luigi	Ludwig
Anna, Anica Anita, Aneta, Anka	Ana, Anita	Anna	Anke, Antje
Andrej, Andrija, Andro	André	Andrea	Andreas
Andreja, Andrea	Andréia, Andréa	Andreina	Andrea

²² VARGA, Szabolcs. *Croatia and Slavonia in the early modern age*, Pécs: College of Divinity, Akadémiai Kiadó, 2013

²³ HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração Italiana em São Paulo 1880-1889 Os primeiros contatos do imigrante com o Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

²⁴ CAMPBELL, Tara. *Names*, Canada: Behind the name - The etymology and history of first names, 2019, acessado em 01-JUN-2020, disponível em <https://www.behindthename.com/>

²⁵ *Croatian name*. Portugal:Wikipedia, acessado em 2020, disponível em https://pt.qwe.wiki/wiki/Croatian_name

Ante, Antun	Antônio	Antonio	Anton
Antea	Antônia	Antonia	Antonia
Blanka, Branka	Branca	Bianca	Bianka
Blaž, Blaženko	Brás	Biagio	-
Đuro, Juraj, Juro	Jorge	Giorgio	Georg
Filip	Felipe	Filippo	Philipp
Franko, Franjo, Fran, Frano, Franc	Francisco	Francesco	Franz
Grgur	Gregório	Gregorio	Gregor
Ilija	Elias	Elia	Elias
Iva, Ivka, Ivanka	Joana	Giovanna,	Jana, Johanna
Ivan, Ivano, Ivica Jovan (<i>sérvio</i>)	João	Giovanni, Zuane (<i>arcaico</i>)	Johann, Hans
Jadran	Adriano	Adriano	Adrian
Jakov	Jacó, Jaime	Giacomo, Gia- cobbe	Jakob
Janja, Jana	Inês	Ines, Agnese	Agnes
Jelena, Helena	Helena	Elena	Helena, Elen
Josip, Jozo, Joze, Joško	José	Giuseppe	Josef, Joseph
Jula, Julija	Júlia	Giulia	Julia, Julie
Katja, Kata, Katarina	Catarina, Cátia	Caterina, Catia	Katrina
Lana	Svetlana (<i>eslovaco</i>), Alan (<i>masculino em português</i>)		
Lovro	Lourenço	Lorenzo, Enzo	Lorenz
Lucija, Luči	Lúcia	Lucia, Luce	Luzia
Luka	Lucas	Luca	Lukas
Maja, Marica, Mirjana	Maria, Miriam	Maria, Miriam	Maria, Miriam
Matija, Matej, Mate, Matjaž	Matias	Matteo	Mattias
Marija	Maria	Maria	Maria
Marko	Marcos	Marco	Marco, Mar- kus
Martin	Martim	Martino	Martin
Maša	Miriam	Miriam	Mirjam
Mihaela, Mia	Micaela, Miguela	Micaela	Michaela

Mihael, Mijo, Miho, Mihovil, Miško	Miguel	Michele	Michael
Nika, Nikolina	Nicole	Lina, Nicolina	Nicole
Nikola	Nicolau	Nicola	Nikolaus
Pavao, Paval	Paulo	Paolo	Paul
Pero, Petar, Pejo	Pedro	Pietro, Piero	Petrus
Petra	Pedra	Pietra, Pierina	Petra
Sofija	Sofia, Sônia	Sofia	Sofia, Sonja
Stanislav, Stanko	Estanislau	Stanislao	Stanislaus
Stjepan, Stipe, Stjepko	Estevão	Stefano	Stefan
Šimun	Simão	Simone	Simon
Tomislav, Toma, Tomo, Tomica	Tomás, Tomé	Tommaso	Thomas
Vicko, Vice	Vicente	Vincenzo, Enzo	Vinzenz
Vjera	Vera	Vera	Vera
Vladislav, Vlado, Ladislav	Ladislau	Ladislao	Waldemar
Žuva (<i>arcaico</i>)	Joana	Giovanna, Zuana (<i>arcaico</i>)	Jana, Johanna

Para dar mais vida ao artigo, os exemplos a seguir foram coletados nas comunidades croatas da capital de São Paulo e evidenciam a dificuldade na confirmação da croaticidade, ocultando aos próprios descendentes pistas da sua ascendência original: Simon (*Siman*), Pacovsky (*Pacovski, Pacowsky, Pasovsky*), Hrala (*Harala, Rala*), Štefančić (*Stefangens, Stefani*), Moslavac (*Moslavacz*), Radanović (*Radanoves, Rodanoves*), Tandarić (*Tandariche*), Paravić (*Paravich*), Štoković (*Stocovich*), Hrgović (*Hergovic*), Horvatić (*Horvatich*), Pribanić (*Pribanic*), Andrijić (*Andrijic*), Lukrić (*Lukric*), Stanić (*Stanic*), Franulović (*Franulovich*), Bašić (*Baxhix*), Madjar (*Magyar*), Šeparović (*Separovic*).

Atenção à grafia dos sobrenomes com terminação “ić” (“filho de”), pois parecem ter sido os mais afetados: Vincović (para *Vincovich*), Kosić (para *Cositz*), Maršić (para *Marchig*) e outros.

Não foi diferente com a família Fušek Marko. A matriarca Sofija Fušek deixou sua vila natal na Eslováquia e teve seu sobrenome original *Fuszek* adaptado à sonoridade croata para *Fušek*. Ao desembarcar do navio italiano *Raggio* em terras brasileiras tiveram seus nomes italianizados: Adamo, Sofija, Martino, Maria, Caterina e Giuseppe. A nacionalidade austríaca atribuída à família toda foi

assumida conforme a do chefe da família, Adam Marko, que é croata de nascimento, mas pertencia ao Império Austro-Húngaro. Por sorte foi anotado o último endereço em “Vrpolje, Croazia”, deixando pista de sua origem. Esse proceder por inúmeras vezes ocultava a real nacionalidade dos demais membros, conforme ocorrido com Sofija, que foi registrada com o sobrenome do marido. Nos documentos os sobrenomes foram alterados de Marko para Marcos, Marke ou até mesmo Marques, dando a impressão de nacionalidade portuguesa, e de Fušek para Fussek, Fuchs, Fuks, Foks e outras variações.

Uma dica importante é que raramente vinha sozinho um croata, mas sempre em grandes grupos num mesmo navio, havendo certos vapores que com mais frequência traziam croatas. No navio em que a família Fušek Marko desembarcou vemos algumas famílias que tiveram última residência na Eslavônia ou Croácia e cujo sobrenome nos dá uma altíssima possibilidade de serem croatas²⁶: Brozović (em Saborsko), Štanfel (Delnice), Varga (Đakovo), Vukomanovic, Bošnjak e outros.

Tendo em vista a importância de conhecermos mais sobre as origens dos sobrenomes e suas quantidades, transcrevemos²⁷, do censo de 2011 reportado pelo Departamento Central de Estatísticas da Croácia (*Državni zavod za statistiku*), os dez mais populares sobrenomes na Croácia dentre os 33.000 publicados. O objetivo é vermos que não são necessariamente exclusivos ou típicos deste país, devido aos deslocamentos e etnias já mencionados.

HORVAT: Originou-se do nome húngaro Hrvate ou Horvati, existente desde o século XVI. É mais presente em Čakovec e Lika, nos arredores de Zagreb e Turropolje, utilizado por cerca de sete mil famílias na Croácia. A propósito, devemos mencionar que na Croácia existem vários sobrenomes baseados nele, como Horvatek, Horvatović, Horvatinčić, Horvatiček e assim por diante.

KOVAČEVIĆ: sobrenome nomeado para a profissão de ferreiro sumarizando na Croácia 15.160 pessoas (seis mil famílias). Existem outros, como Kovačić que é o sétimo em número, e Kovač. Este sobrenome também está representado entre sérvios e bósnios.

BABIĆ: Usado por 12.840 pessoas (cinco mil famílias), é conhecido desde o século XVII, possivelmente proveniente de *baba* (avó, velha) ou da palavra turca *babo*, ou do árabe *baba* que significa pai. O sobrenome é de Senj, de acordo com

²⁶ Seria necessário encontrar o assento de nascimento e histórico familiar para uma afirmação final, mas o parecer é baseado na região e histórico do sobrenome conforme fontes já mencionadas.

²⁷ BOŽIĆ, Ivan. *We have a list of more than 33,000 surnames in Croatia and the number of people who bear each of them*, Zagreb:Srednja.hr, 28-OUT-2018, acesso em 26-MAI-2020, disponível em: https://www.srednja.hr/istaknuto/imamo-popis-vise-33-000-prezimana-hrvatskoj-te-broj-ljudi-nose-svako-njih/?fbclid=IwAR1p2PiYfCTOdcW_PI-PxxP-fdsadXbopFTq86FO-5Q-01AnjOLnoB8B-BAU

algumas fontes de Pridraga, perto de Zadar e Perušić, em Lika.

MARIĆ: Com 11.555 habitantes (quatro mil famílias), é originário da Herzegovina oriental e algumas fontes indicam Podravina. Deriva do nome pessoal Mara/Maria. Existem vários outros sobrenomes semelhantes derivados do nome Mara, como Maričić, Maričević, Maričković. A maioria dos Marić, no século XX, nasceu no município de Stolac na Bósnia e Herzegovina.

JURIĆ: Usado por 11.163 habitantes (quatro mil famílias), originário do centro da Bósnia e da vizinhança de Šibenik, Knin e Grude. É derivado do nome pessoal Jura/Juro. Nos últimos cem anos a maioria dos Jurić nasceu no município central da Bósnia chamado Kakanj.

NOVAK: São 10.794 pessoas (quatro mil famílias), estando a maioria em Čakovec. O sobrenome vem da palavra “novak”, no sentido de um novo colono. Este é um dos sobrenomes mais comuns na República Tcheca e está bem representado na Eslováquia. Nos últimos cem anos a maioria dos Novak nasceu em Čakovec, onde cada trinta habitantes tinha esse sobrenome.

KOVAČIĆ: Há 10.546 pessoas (quatro mil famílias), principalmente de Zagreb, Lika e Podravina. Deriva, como Kovačević, da profissão de ferreiro, e apareceu no século XVI. Nos últimos cem anos, a maioria dos Kovačić nasceu em Celina, perto de Omis. Naquela aldeia, quase todos os habitantes tinham o nome de família Kovačić.

KNEŽEVIĆ: Com 10.334 pessoas (quatro mil famílias), tem origem na vizinhança de Zadar. Também está representada na Sérvia e Montenegro. O nome é derivado do título “príncipe”. Nos últimos cem anos a maioria dos Knežević nasceu em Boraja perto de Šibenik, Struga Banjska perto de Hrvatska Kostajnica, e Vinjerac perto de Zadar.

VUKOVIĆ: São 10.191 habitantes principalmente na área de Slunj e Brinje em Lika. Existem duas explicações possíveis de origem: vem do substantivo “vuk” ou do nome pessoal Vuk com o sufixo “ović”. É representado em parte na Sérvia e Montenegro. A maioria dos Vuković nasceu em Saborsko, perto de Slunj.

MARKOVIĆ: Existem 9.854 pessoas e o sobrenome vem do nome pessoal Marko, sendo originário de Krajina na Bósnia, local onde nasceu a maioria dos Marković nos últimos cem anos. É mencionado desde o século XV, e estão localizados em 355 municípios croatas e 881 assentamentos.

Naturalmente, há nomes como Ivan que não são exclusivamente croatas, existindo na Eslovênia, Ucrânia, Polônia, Bósnia. Há sobrenomes como Kučan que pode ter origem croata ou eslovena, Horvat com origem húngara ou croata, Novak podendo ser croata ou polonês. Existem sobrenomes etnicamente croatas com formas e terminações mais específicas da Croácia. Pesquisadores notaram uma tendên-

cia entre famílias croatas de nomearem seus filhos com Ivan, Antun e Matija.

Na primeira fase da imigração a maioria dos escreventes não anotava o nome da vila ou cidade de naturalidade, deixando apenas como Áustria, austríaco ou Império Austro-Húngaro. Este seria o critério mais seguro para se combinar com o nome, mas também é problemático vincular o nome à etnia, pois na Croácia o pertencimento a terra é mais étnico do que geográfico, já que existem gerações de cidadãos croatas que se consideram de outra nação por terem recebido outra cultura em casa. Isso significa que um Ivan Zanetti do litoral croata da Ístria, onde há forte influência italiana, poderia ter fluência total do idioma italiano, mesmo sem nunca terem ido à Itália.

Conforme reportado pela *Comunità Nazionale Italiana*²⁸, órgão de organização dos italianos na Croácia e Eslovênia, durante o século XIX e a primeira metade do século XX houve uma significativa comunidade étnica e de língua italiana na Croácia, concentrada principalmente na costa oeste da Ístria, nas cidades de Rijeka e sua região imediata de Kvarner, região da Dalmácia, existindo também na história mais recente na Eslavônia.

Segundo reportado, a primeira escola italiana na Ístria existiu em 1612, em Koper (ou *Capodistria* em italiano) na Eslovênia. Em 1910, em Rijeka (ou *Fiume* em italiano), por exemplo, o mais simples cidadão sabia falar quatro idiomas (italiano, húngaro, alemão e croata) e dos 49.806 habitantes, 24.212 eram italianos.

Após a Primeira e principalmente após a Segunda Guerra Mundial, a maioria dos italianos croatas emigrou para a Itália²⁹. Nos dias atuais³⁰ quase três quartos dos italianos croatas vivem no condado de Ístria, onde eles representam 6,03% da população e têm o direito constitucional de usar o idioma e a bandeira em muitos municípios e cidades.

Voltando às estatísticas consultadas, dos 31.169 austríacos que vieram ao Brasil no período de 1882 e 1918, cerca de 3.698 foram reconhecidos como croatas, correspondendo a 12%.

No gráfico a seguir³¹ vemos a distribuição da chegada dos imigrantes

²⁸ ZANI, Norma. *La comunità nazionale italiana in Croazia e Slovenia*, Eslovênia: Comunità Nazionale Italiana, 2014, acessado em 01-JUN-2020, disponível em:

http://unione-italiana.eu/Backup/documents/2010-2014/Presentazione_CNI_27-03-2014.pdf

²⁹ *Talijani u Hrvatskoj*, Wikipedia, 18-FEV-2018, acesso em 01-JUN-2020, disponível em:

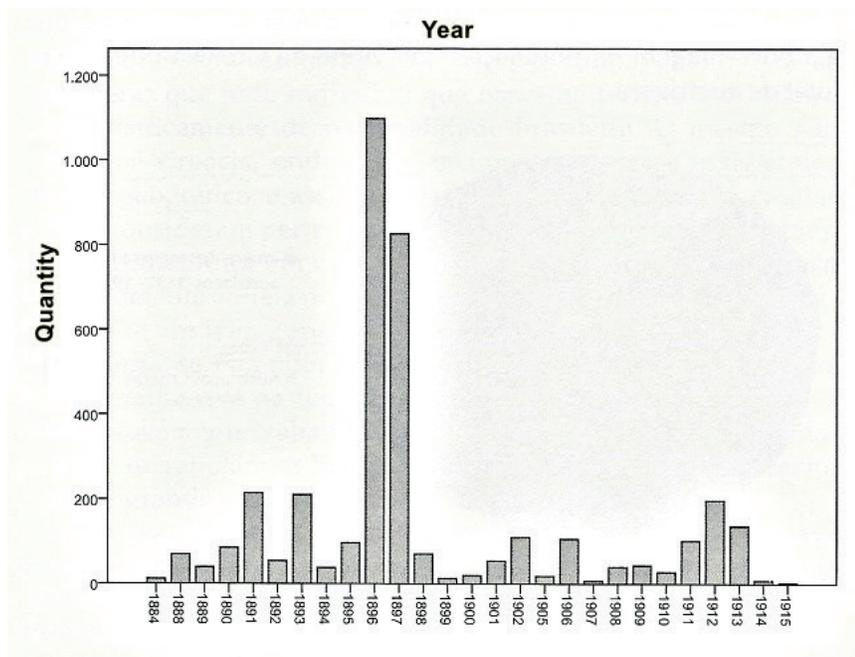
https://hr.wikipedia.org/w/index.php?title=Talijani_u_Hrvatskoj&oldid=5193571

³⁰ *Population By Ethnicity, By Towns/Municipalities*, Zagreb:Croatian Bureau of Statistics, 2011 Census, acesso em 01-JUN-2020, disponível em:

https://www.dzs.hr/Eng/censuses/census2011/results/htm/E01_01_04/e01_01_04_zup18.html

³¹ Gráfico Ano x Quantidade de entradas extraído do livro: PUH, Milan. *Imigração como relato: experiências de viajantes croatas*. São Paulo: E-artigos, 2018, pág. 148

croatas no Brasil:

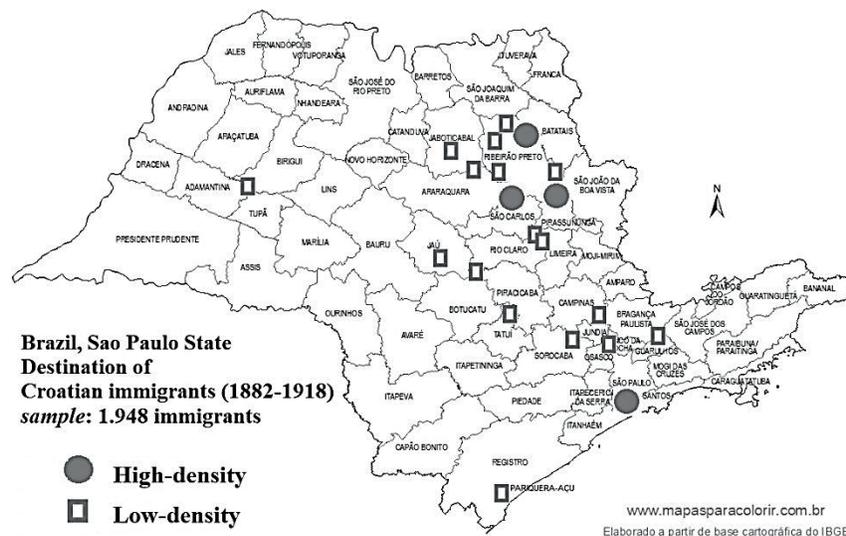


As entradas foram mais volumosas em 1896 com 1.098 pessoas e em 1897 com 826 entradas, correspondendo a 52% de toda a primeira fase da imigração, gerando as restrições de emigração pelo governo da Croácia mediante os abusos já relatados. Vemos que, imediatamente após um pico no número de saídas do país, em 1891, 1893 e 1912, há em seguida grande diminuição como resposta rápida do governo. Já a diminuição drástica nos anos prévios à Primeira Guerra se deve às dificuldades em sair do país pelas turbulências entre diversos países na Europa. Portanto, as ondas migratórias croatas no Brasil no período abordado neste artigo estão relacionadas aos distúrbios na economia e por guerras.

Analisando a idade e o gênero dos imigrantes vemos dentre todos os indivíduos que 18% eram solteiros (possível busca de novas perspectivas de trabalho ou filhos mais velhos de uma família) e 65,5% eram casados ou menores de idade, evidenciando que se tratava de famílias em busca de um recomeço em outras terras, em sincronismo com a política migratória brasileira que preferia famílias para trabalhar em fazendas ocupando terras de maneira permanente, já que a profissão de agricultor era a maioria esmagadora.

Dos 1948 indivíduos que tiveram seus destinos assinalados dentro do Es-

tado de São Paulo³², os locais mais citados são Água Vermelha (distrito em São Carlos), São Paulo, Brodowski, Santa Veridiana (município de Santa Cruz das Palmeiras) e Bebedouro. Outros em números menores são Aurora, Jaboticabal, Ribeirão Preto, Corumbataí, Rincão, Anápolis, Cravinhos, Fortaleza (possível distrito de Guarulhos), Itatiba, Itu, Jau, Leme, Louveira, Pirassununga, Rocinha (na época era distrito de Jundiaí, mas hoje de Vinhedo³³), Santa Rita do Passa Quatro, São Pedro, Rafard, Visconde Parnaíba (estação de trem em Jardinópolis) e região de Iguape no litoral sul de São Paulo (Pariqueira-Açu, Cananeia, Jacupiranga).



Cerca de 20% dos registros possuíam empregadores assinalados, dos quais os mais mencionados foram o Banco da República (mostrando que o Estado tinha interesse nos imigrantes), Antônio Prado, Carlos A. Barros Monteiro e Antônio Ferreira da Rosa Sobrinho. Em menor número há José Augusto de Oliveira, José Carlos Ferraz Campos, Martinho Prado, Bento Queiróz de Barros e Dr. Eugênio Lacerda, Barão de Araraquara, Coronel Francisco Schmidt, Cyro M. Rezende, Urbano Bressane, Urbano Procópio Araújo Meireles e o núcleo de Pariqueira-Açu com cerca de 25 citações.

³² O gráfico com o destino dos imigrantes em São Paulo foi elaborado pelo autor para uso neste artigo, devido à inexistência de outro semelhante.

³³ *Vinhedo*. Brasil:IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Portal do Governo Brasileiro, Portal Cidades@, 2020, acessado em 03-JUN-2020, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/vinhedo/historico>

Quanto às embarcações que trouxeram os croatas ao Brasil, as principais partiram dos portos de Gênova e Trieste na Itália, Bremen e Hamburgo na Alemanha, Marselha e Cherbourg na França, Amsterdã na Holanda e em menor escala, Liverpool e South Hampton no Reino Unido. A maioria destas linhas tinha mais de uma parada na costa brasileira e grande parte tinha Buenos Aires na Argentina como destino final, país este que teve uma quantidade de imigrantes croata muito maior do que a brasileira. O vapor que mais trouxe croatas ao Brasil no período estudado é o Minas com cerca de 18% do contingente, seguido por Re Umberto proveniente da Itália (7%) e Agordat (6%).

Vale lembrar que a análise feita na Hospedaria dos Imigrantes é uma aproximação quantitativa da presença croata no Brasil mediante critérios estabelecidos em um projeto de pesquisa complexo finalizado em 2017 e que também contemplou registros de emigrados encontrados em relatórios do governo na Croácia, que oferecem mais dados ajudando nas estatísticas. Em uma estimativa feita pelo primeiro cônsul croata, Venceslau Paeta, teria em solo brasileiro entre 25 e 30 mil croatas antes da Primeira Guerra Mundial, ainda que não haja uma confirmação oficial desse dado por alguma instituição daquela época. A dificuldade com o levantamento destes números é que, dependendo da noção de identidade croata, pode-se aumentar ou diminuir as estatísticas, pois nem todos os croatas eram etnicamente eslavos/croatas, mas haviam muitos imigrantes da Croácia com ascendência italiana, húngara, germânica, tcheca, eslovaca e ucraniana.

Houve uma expressiva emigração da Eslavônia, não sendo, portanto, exclusividade do litoral da Croácia nesta primeira fase de imigração. Muitos sobrenomes não são necessariamente etnicamente croatas (Baroš, Bučko, Janiček, Jarabek, Helegda), já que naquela época havia uma heterogeneidade de etnias em boa parte da Eslavônia que foi recolonizada por diversas etnias depois dos turcos serem expulsos nos séculos XVIII e XIX. Observando as “listas de intenção” que as delegacias faziam em cada município croata contando os habitantes que estavam migrando para outras localidades internas com a intenção de saírem do país, vemos um considerável deslocamento social entre condados, fazendo da migração interna uma migração externa com mais facilidade. Dessas listas vemos os seguintes sobrenomes: Antoljak, Bačer, Barčanac, Blažević, Blejavčić, Boljevac, Bradarić, Brlas, Cindrić, Erdelji, Faketija, Fektija, Fučkar, Gasparić, Gjuras, Gjurašević, Gradinjan, Hrgić, Hrgović, Indijić, Ivoš, Jelak, Jovanović, Kapelčan, Karoš, Kolar, Komar, Kovač, Kranjec, Krapac, Kršić, Kućan, Kunić, Lelek, Lorenc, Magenheim, Majstorović, Matuzalem, Mikulić, Mioković, Misković, Mitin, Moslavac, Mustai, Nedjeljković, Novosel, Oblak, Peić, Perić, Petrović, Podravac, Ponedeljak, Posavac, Račan, Rekić, Selember, Šimeta, Števarić, Veg, Veličan, Venkar, Virovac, Zalogaj e Zec.

Dentre os reportes dos distritos que contabilizavam a população que tinha partido para o Brasil, podemos citar na Eslavônia o distrito de Nova Gradiška com as famílias Lukačević, Bunjevac, Glogovac, Petrikić, Bošnjaković, Kastmuller, Perzulj, Gudlin, Vujić, Šeatović, Brkljačić e Sudarević. Algumas são de origens étnicas distintas, como germânica (Kastmuller) ou com a terminação “ović” mais comum em sérvios. Outro grupo de croatas da Eslavônia imigrados ao Brasil foram as famílias Petrikić (de Rešetari), Janiček e Pumendjić (de Andrijaševci), Oravec e Krul (de Našice), Klaić (de Merzović/Đakovo), Kutjevo, Zdinjak, Papdanko, Bučko, Jarabek, Pekanić e Baroš (de Vukovar), Bauer (Osijek), Helegda (Markovac/ Našice), Hohoš, Povinecz, Katorjenčik e Segeš.

O Núcleo Colonial de Pariquera-Açu

Com o intuito de conhecermos um pouco mais como era a vida dos primeiros imigrantes neste local, abordaremos a formação do núcleo colonial de Pariquera-Açu no Estado de São Paulo, suas características, produção, problemas, dados estatísticos sobre a etnia das famílias pioneiras, como era o dia-a-dia das pessoas, etc. Entre essas famílias está a Fušek Marko, que após desembarcar no porto de Santos, foi direcionada imediatamente à colônia.

Muito tempo antes da chegada da família em estudo neste artigo³⁴, a região do litoral sul do Estado de São Paulo, onde se encontram Cananéia, Xixirica e Iguape, já era conhecida pelas suas terras férteis, clima excelente e sem presença de varíola ou febre amarela. A colônia de Pariquera-Açu estava localizada neste cenário, em um terreno ondulado na margem direita do rio Pariquera-Açu a 18 km de sua foz, num altitude de 58 metros sobre o nível do mar, distando da cidade de Iguape em 43 km, do porto de Sabaúna em 21 km e da freguesia de Jacupiranga em 14 km³⁵.

As colônias de Cananéia e de Pariquera-Açu foram fundadas aproximadamente em 1834 e durante alguns anos foram sustentadas pelo Governo Imperial. A demarcação do território da colônia foi iniciada no ano de 1856 e logo depois o governo imperial nomeou um diretor com a missão principal de preparar casas para o recebimento dos colonos. Essa tentativa abortou em virtude do diretor desviar o dinheiro para construir uma bonita vivenda, recusando-se receber a primeira leva de colonos, jazendo a colônia abandonada até 1874, quando foi autorizada a construção de uma estrada de rodagem entre a colônia e o porto de Cubatão.

³⁴ A Imigração, Rio de Janeiro, 01-ABR-1885, Ano II, nº 10, pág.1

³⁵ Correio Paulistano, São Paulo, 22-FEV-1895, Ano XLI, nº 11.485, pág.2, coluna 7, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Em 1876, o Dr. Manoel Barata Góes, então diretor da antiga Colônia de Cananeia, tentou estabelecer colonos no território desprezado de Pariquera-Açu, quando por um período de dois anos pequenas quantias foram dispendidas com a abertura e melhoramento de caminhos, construções de casas e medição de lotes, porém, a colônia voltou a ser abandonada pelo governo, permanecendo lá residentes apenas algumas famílias de suecos, alemães e italianos, habituados ao trabalho e animados pela fertilidade do solo, obtendo bons ganhos com o café. A respeito destas famílias, encontramos informações³⁶ de uma colônia em Cananéia, a mesma reportada pela família Hohoš, chamada Colônia Velha³⁷. Suas terras são ocupadas desde 1860, e se formou a partir de famílias provenientes de um quilombo existente em Jacupiranga, e de escravos fugidos da cidade. Nesta região foram albergados ingleses, sendo alguns de Birmingham, trazidos para trabalhar na construção de uma estrada de ferro, que ligaria Cananeia a lugares mais remotos. Como a construção da estrada de ferro não deu bons resultados, os colonos ingleses apelaram para sua rainha, que mandou um navio recolhe-los. Alguns, porém, optaram por ficar e foram transferidos para a colônia de Pariquera-Açu.

Conforme registros existentes no Arquivo do Estado de São Paulo³⁸, estavam assentados em Pariquera-Açu³⁹: Guilherme Goedke em 1868, Eugênio Fazoli, Angelo Simonetti e João Hanson em 1875, a viúva de Gustavo Melcher e alguns ingleses em 1876, Fernando Melcher e Gustavo Nielsen em 1878, Júlio Michaelis em 1880 e Inácio Schultz em 1886.

Estes foram progredindo e posteriormente serviram de apoio aos novos colonos recém-chegados da Europa em 1887, quando o governo novamente ordenou nova colonização em Pariquera-Açu, instruindo com exemplos práticos a correta utilização do solo na região. Esse cenário mostra a má utilização da lavoura nos primórdios desta colônia, pois se dedicavam exclusivamente à plantação de café com abandono dos cereais, empobrecendo parte do solo.

Os colonos assentados a partir de 1887 foram Giuseppe Zanella, Marcello Marietto, Baptista Zanella, Domingos Marietto, Raymundo Candido, Angelo Bar-

³⁶ SIMONETTI, Irineu João. *Capital do Mundo*, Pariquera-Açu: Editora ao Autor, 1996, pág.110, Prefeitura de Pariquera-Açu

³⁷ Portal do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, *SP reconhece mais uma comunidade quilombola no Vale do Ribeira*, 22-NOV-2015, acessado em 2020, disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/sp-reconhece-mais-uma-comunidade-quilombola-no-vale-do-ribeira/>

³⁸ Devido às restrições impostas pelos arquivos públicos no ano de realização deste artigo, não foi possível ir fisicamente a diversos arquivos. Portanto foram priorizados livros e artigos de notoriedade como o de SIMONETTI.

³⁹ SIMONETTI, Irineu João. *Capital do Mundo*, Pariquera-Açu: Editora ao Autor, 1996, pág.116, Prefeitura de Pariquera-Açu

duco, Luiz Zanella, Giuseppe Pandovani, Alberto Barduco, Fortunato Zanella e João Olivia. Em 1888 foram Pedro Santini, Tancredo Cafravier, Giovanini Arcari, Enrico Ramponi, Vincenzo Rizzi, Paulo Coppi, Franc Constante, Carmine Cian-della, Alberto Goedke, Luiz Cardillo, Luigi Pellegrini, João Haytzmann, Fava Vitto Guido, Augusto Abissa, a viúva de Vincenzo Lodi, Luigi Carmine, Giulio Ma-rietto, Angelo Butturi e Giuseppe Battarini. Em 1889 foram Godlibe Barkmann, Pedro Bellini, David Dafoneli, Biagio Franciosi, Guiuseppe Sanson, Pietro Fran-ciosi, Carlos Buttini, Erik Erkson, Maximiano Gibertoni, Ercole Navilli, Vincenzo Lamagne, Angelo Bertolleti, Ana Grelte, Vincenzo Marcon, Secondo Bonni, Luigi Bonni, Angelo Vichi, Angelo Maria Lamagne.

Conforme o Almanaque Iguapense⁴⁰, podemos verificar como uma ja-nela do tempo o funcionamento daquela região, constituída de quatro distritos de paz, sendo eles o de Iguape, Santo Antônio de Juquiá, Prainha e Jacupiranga, sendo que neste último município se encontrava o bairro e colônia de Parique-ra-Açu. A população de toda a comarca de Iguape já somava no ano de 1890 o total de 10.614 habitantes.

Naquele ano de 1890 a colônia de Pariquera-Açu recebeu uma razoável quantidade de imigrantes poloneses oriundos da Galícia⁴¹, sendo assentados sem qualquer preparo, sem apoio, sem identificação étnica, linguística ou conhecimen-to das condições locais. O primeiro grande período imigratório polonês⁴² abrange de 1890 até 1897, quando o governo brasileiro proporcionou transporte marítimo gratuito aos imigrantes. Dentre as principais razões do movimento migratório, pode-se citar o excesso de mão-de-obra nas aldeias e vilas, o elevado crescimento demográfico, a falta de terras para as novas gerações, a ausência de legislação agrária, o êxodo rural para os centros industriais devido à mecanização rural, per-seguições políticas e religiosas. Sem dúvida, a grande razão da imigração foi a possibilidade de imigrar para uma nação onde fosse possível tornar-se proprietário de terra. O camponês era visto e tido como simples força braçal e os impostos territoriais eram tão pesados que os proprietários não podiam pagar e, para não caírem na prisão, eram forçados a vender suas propriedades.

Os nomes deles são⁴³: Valentim Olbnisz, Casemiro Blaski, João Ocho-cinski, Miguel Patykavski, Josepp Paukowski, Ignacio Kochorek, Gianni Ponsoni,

⁴⁰ Almanach Iguapense para o ano de 1899, Iguape, 1899, Francisco Eduardo de Castro, Tipografia Castro, pág.23 e diversas posteriores.

⁴¹ SIMONETTI, Irineu João. *Capital do Mundo*, Pariquera-Açu: Editora ao Autor, 1996, pág.113, Prefeitura de Pariquera-Açu

⁴² WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. *II Guerra Mundial e Imigrantes Poloneses no Bra-sil: reflexos*, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2014

⁴³ ALMEIDA, Antônio Paulino de. *Memória Histórica de Pariquera-assú*, São Paulo, 1939, pág.39-45. O autor foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de S.Paulo.

Alexandre Weschesky, Lourenço Coppi, André Schiskwist, João Guttard Halon, Peter Zumbur, João Hardt, Maria Kinchin, Theophilo Redys, Wladislau Helegda, Pedro Witascki, Joseph Zelisky, Adão Brzezinski, José Kugler, João Paulkosky, João Kugler, Adão Paulkosky, Antonio Valdosky e André Paulkosky.

Ainda neste período foi emitido um novo relatório minucioso⁴⁴ pelo engenheiro Jerônimo Francisco Coelho, chefe da Comissão de Terras de Pariqueira-Açu, confirmando a terra como de excelente qualidade, onde encontravam matas com abundância de madeiras de lei, útil para toda espécie de cultura. Menciona a terra propícia ao plantio de cana de açúcar, do arroz de alta qualidade⁴⁵, cacau, feijão, milho, fumo, ovos, batata doce e alguns cereais, sendo cortada por rios navegáveis e com vegetação ainda virgem. O plantio do café dava lucros aos colonos, mas que as suas casas eram de péssima qualidade, mal construídas e cobertas de palha, pouco higiênicas. Os imigrantes recém-chegados eram acolhidos num barracão da colônia. Logo davam início à construção da própria casa e às atividades agrícolas em um dos lotes disponibilizados. O governo provia o sustento e as sementes, mas nada era de graça. Quem não tinha dinheiro, pagava com seu trabalho, como por exemplo, na abertura de estradas. Ao mesmo tempo em que o engenheiro apontava a possibilidade de a colônia vir a ser a melhor do Estado de São Paulo, afirmava categoricamente a grande falta de gestão.

Nos anos seguintes foram registrados, em 1891, Emilio Orbelli, Concetta Buzzo, Giovanni Bonni, Giuseppe Bonna, Arnaldo Lamagne e Archangela Grupione. Em 1892, Raphael Gruppioni e Casemiro Berthoriko. Em 1893, José Kinchin Jor, Antonio Hovilosky e João Garcia Alano. Em 1894, Giacomo Felice Bazoli, Giacomo Simone, Jacomo Arcine, Affonso Bouillet, Leon Bouillet, Francisco Iwanski, Edmundp Bouillet, Delai Bartholo, Giovanni Rossini, Pedro Salleti, Giuseppe Antomdi, Felix Bouillet. Em 1895, Netis Adestem, João Boaski, Gregório Graviniski, Himon Joan, G. Roechi, Michol Hemon, Mihoto Savokio, Liko Janovo.

Foram registrados, em 1896: Carlos Munkhammer, Godofredo Humphiers, Joseph Kuprich, Giroli Annibal, Antonio Brosmann, Matheus Ilek, Matheus Grozz, João Batista Bromler, Augusto Abraham, Stephan Kern, João Owe-raxski, Andreas Powieniecz, Christian Pulhl, Hermann Arnord, Josep Sanin, Franz Lemberg, Voichetz Stonoga, Pedro Izaroski, João Owezarski, Mathias Krimm, José Mireider, João Schmidt, João Schule, Ignacio Schule, Demetrio Forme, Ernesto Forme, Francisco Brosmann, Giovanni Siberna, Pedro Palinkas, João Verneck, Valentim Siedlarczyk, Venceslau Siedlarczyk, Francisco Siedlarczyk, Emilio Bouillet, Mattes Yrlek, Previd Paschoal, Luigi Cremor, João Pandovan, Itala Ca-

⁴⁴ SIMONETTI, Irineu João. Capital do Mundo, Pariqueira-Açu: Editora ao Autor, 1996, pág.112, Prefeitura de Pariqueira-Açu

⁴⁵ ALMEIDA, Antônio Paulino de. Memória Histórica de Pariqueira-assú, São Paulo, 1939, pág.25

sela, Stanislau Kugler, Stanislau Vesguerber.

Foram registrados, em 1897: Andreas Povinecz, José Helegda, Stephan Senik, George Engel, Stanislau Kwiatkowski, Michel Kotona, Giovanini Valerio, Rodolpho Shlenp, Luigi Menon, Augusto Knauft, Ernesto G. Wolff e Adam Marko, apesar de ter dado entrada ainda em dezembro de 1896.

Em 1898: Antônio Bauer, Louis Chalet, Carlos Oscar Sohn, José Jacob, Jacob Hans, Floriano Kubalat, Francisco Bauer, Francisco Chirom, Francisco Jacob, João George Madeleir, Simon Giuseppe, Juliens Richard Dietrich, George Lane. Em 1899: Frederico Wenda, Stephan Piocker, Max Alter, Otto Donath, Henrique Klepa, Joseph Ambach e Stephan Klettlinger.

Detalhando um pouco mais a situação do núcleo em 1897, ano em que a família Fušek Marko já estava estabelecida, notamos que o núcleo era administrado pelo Estado de São Paulo, juntamente com os núcleos de São Bernardo, Sabaúna, Piaguhy, Bom Sucesso e Campos Salles. Juntos estes núcleos somavam cerca de 4.613 habitantes, em sua maioria brasileiros (2.272), seguido de italianos (649), austro-húngaros (444), poloneses (408), espanhóis (351), alemães (283), suíços (109), suecos (23), belgas (20), russos (18), franceses (15), dinamarqueses (10), ingleses (3) e um número mínimo de outras nacionalidades⁴⁶.

O núcleo de Pariquera-Açu era o mais populoso, pois já contava com 351 famílias, sumarizando 1.669 habitantes, com 50% mais habitantes do que a colônia de São Bernardo, 80% mais que Sabaúna e o triplo da população de Piaguhy⁴⁷. Destas 351 famílias, cerca de metade era composta de família de brasileiros e a outra metade composta em sua maioria por 83 famílias italianas, 61 austríacas ou polonesas (ora se identificavam como austríacos, ora como poloneses), 12 alemães, 8 suecas, 6 suíças, 3 portuguesas, 2 inglesas, uma família belga, dinamarquesa e francesa.

O núcleo estava dividido⁴⁸ em lotes urbanos, suburbanos e rurais, distribuídos em dezesseis distritos. Eram 159 lotes urbanos, dos quais já estavam concedidos 45, reservados 9 e pagos 7, representando uma área de 10.504 m². Eram 46 lotes suburbanos, sendo 41 concedidos e 3 pagos, ocupando uma área de 67.260 m². Os distritos existentes eram Nova Itália, Arataca, Senador Dantas, Bom Retiro, Nova Cremona, Antunes Junior, Braço Preto, Treze de Maio, Braço Magro, Braço Grande, Senador Prado, Ribeirão Vermelho, Quinze de Novembro, Pariquera-mirim, Jurubatuba e Linha Pequena, onde se situava a família Fušek Marko.

⁴⁶ Relatório da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo de 1898, pág.62, Núcleos Coloniais, Arquivo Público do Estado de São Paulo

⁴⁷ Relatório da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo de 1898, pág.83, Núcleos Coloniais, Arquivo Público do Estado de São Paulo

⁴⁸ Relatório da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo de 1898, Núcleos Coloniais, Arquivo Público do Estado de São Paulo

Na sede dos lotes urbanos funcionavam duas escolas públicas para ambos os sexos, para o ensino a língua portuguesa e operações matemáticas básicas, não sendo restrita somente às crianças. Ainda não existia uma estrada que facilitasse o transporte dos produtos da lavoura para os mercados próximos em Jacupiranga e Iguape, e que fizesse chegar máquinas agrícolas necessárias para o desenvolvimento da colônia. O sistema usado nas plantações e colheita era um dos mais primitivos, colhendo arroz cacho por cacho, cortando-os com canivetes. Mesmo assim, a colônia de Pariquera-Açu conseguia uma produção maior do que outras colônias que recebiam a devida infraestrutura e investimentos, como por exemplo, a colônia de São Bernardo e Sabaúna. Devido a esse cenário precário em infraestrutura⁴⁹, o maior volume de produção era o do café, produto que conseguia suportar as elevadas despesas de transporte. Em 1899, o núcleo contava com um engenho para aguardente, um engenho de café, engenho de cerveja e um moinho, cerca de onze casas comerciais e um par de sapateiros, funileiros, ferreiros e marceneiros. Algumas casas tinham telhas, mas, em sua maioria, eram cobertas de palha. Naquela época o clima em Pariquera-Açu oscilava entre 21 e 32°C no verão e 10 e 20°C no inverno, de característica amena⁵⁰ sem a umidade das localidades próximas ao Rio Ribeira de Iguape, não ocorrendo grandes variações climáticas em cada estação, favorecendo a saúde e bem estar dos moradores locais. A região possuía boa quantidade de chuvas e, devido ao fato de não haver um único dia durante o ano sem ventos, a evaporação estava em sincronia com as chuvas, contribuindo para a mitigação de epidemias contagiosas. Outras características geográficas impediam estiagens dos invernos e destruições por cheias, ainda que a região fosse irrigada por rios. A taxa de mortalidade na região era abaixo da média do Estado de São Paulo e não era caso excepcional pessoas que faleciam com mais de 80 ou 90 anos de idade.

Para o transporte dos produtos da lavoura dos municípios de Iguape e Xixirica ao porto de embarque, uma única via de comunicação que existia em 1899, sendo o próprio rio Ribeira, sistema arcaico usado há séculos atrás, por meio de canoas. A verdade era que os vapores da Companhia Lloyd, incertos de suas viagens, apareciam pouco mais de uma vez ao mês.

Para se ter uma ideia da dificuldade de locomoção, ao abandonar a colônia de Pariquera-Açu, obrigatoriamente seguia-se pelo único caminho existente, saindo da região de Iguape em canoa percorrendo uma distância de 30 quilômetros até o porto de Suamirim. De lá se seguia a pé até o porto do Prelado por 12 quilômetros, embarcando outra vez em canoa, para descer o rio Una do Prelado até a casa do

⁴⁹ Relatório da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo de 1898, Núcleos Coloniais, Arquivo Público do Estado de São Paulo

⁵⁰ SIMONETTI, Irineu João. *Capital do Mundo*, Pariquera-Açu: Editora ao Autor, 1996, pág.24, Prefeitura de Pariquera-Açu.

cidadão João Sabino, no total de uma distância de 48 quilômetros. Outra vez a pé, percorria-se mais 13 quilômetros até a freguesia de São João de Peruíbe, de onde se seguia em carroça até a margem do Rio Conceição por 25 quilômetros. Atravessando este rio, seguia-se em carroça por mais 46 quilômetros até o porto do Rei, onde se atravessava um braço do mar em canoa para chegar a São Vicente, de onde se seguia em bonde a vapor até a cidade de Santos, onde havia trens para São Paulo.

Quanto à família em estudo, o chefe familiar Adam Marko estabeleceu-se como colono no Lote rural n.º 8 na Linha Pequena, logo ao chegar em 1896. Por algum motivo foi transferido para o Lote suburbano⁵¹ n.º 43, sendo aquela área de responsabilidade do Dr. Antunes Arataca. Podemos observar o nome de todos os familiares que desembarcaram juntos em Santos, inscritos no mesmo lote (ainda que com nomes traduzidos), como a sua esposa Sofia, os filhos Ana Marques, Catharina, Thomaz, Maria, José, e seus cunhados Anna Fussek e Martino.

No Livro de Contas Correntes do núcleo⁵², consta na data de 26-JAN-1897 alguns gastos com alimentos para oito pessoas para um período de oito dias “no Carmine”, a compra de um caldeirão para o banheiro, medicamentos e uma foice, dando a entender que foram os primeiros gastos para o estabelecimento familiar. No ano de 1898 vemos novamente o registro da família apontando um empréstimo de 113\$800 réis, sem o nome do cunhados Martino e Anna, talvez por haverem contraído matrimônio ou por terem mudado para outros núcleos⁵³. Entre maio de 1898 e julho de 1899 vemos empréstimos referentes ao lote suburbano n.º 43 para alimentação, ferragens, cerca de 1\$200 réis em medicamentos para feridas⁵⁴.

⁵¹ Matrícula de colonos, Núcleos coloniais, Repositório Digital, 1896, Pariquera-Açu, Adam Marko, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDITCINCPAE12010137.jpg

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDITCINCPAE12010138.jpg

⁵² Conta Corrente dos colonos, Núcleos coloniais, Repositório Digital, 1897, Pariquera-Açu, Adam Marko, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDITCINCPAE01741070.jpg

⁵³ Registro de Matrícula de colonos, Núcleos coloniais, Repositório Digital, 1898, Pariquera-Açu, Adam Marko, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDITCINCPAE12004062.jpg

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDITCINCPAE12004063.jpg

⁵⁴ Conta corrente de colonos, Repositório Digital, Escritos, Núcleos coloniais, 1898, Pariquera-Açu, Adam Markos, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link:

Dentro do período acima mencionado Adam Marko faleceu no próprio núcleo de Pariquera-Açu de “*morte natural e moléstia desconhecida por não haver médico assistente*”, conforme sua própria esposa e outro colono chamado José Pelinkas declararam nos livros do núcleo colonial, antes mesmo do funcionamento do cartório civil. Este livro extraoficial armazenado no cartório de Jacupiranga/SP⁵⁵ apenas tem fins históricos, sem valor jurídico. O curioso é que este registro aconteceu apenas em 11-AGO-1901, sem citar o real dia do seu falecimento e três anos depois das segundas núpcias de Sofija Fušek com o polonês Estanislau Boaski (ver seção de genealogia), ocorrido em 08-DEZ-1899 na Paróquia de Jacupiranga, registrado no civil apenas no ano de 1911.

Em 1899 os negociantes⁵⁶ de Pariquera-Açu cadastrados no Almanaque de Iguape eram Angelo Simonetti, Antônio Grothe Foschini, Carmine Ciandella, Feliz Biallé, Henrique Ferreira Monteiro, João Euzébio Rodrigues, Pedro Nolasco Rangel, Romeo Monti.

Não eram muitos numerosos os colonos estrangeiros na colônia, havendo cerca de 354 famílias no início do ano de 1898, apenas 151 de estrangeiros. A colônia de Pariquera-Açu tinha um grande valor devido à sua grande produção, que alcançava 1:282\$735 Réis por família. Para que a colônia atingisse um grau maior de prosperidade era necessário que o governo concluísse a estrada que a ligaria com o porto de Sabaúna e melhorasse o caminho de Sabaúna até Iguape, cidade de maior porte consumidora de seus produtos.

Em outubro de 1900, sendo Alerino Ernesto Meanda⁵⁷ o Diretor⁵⁸ do Núcleo Colonial de Pariquera-Açu, ainda em nome de Adam Marko é solicitado o retorno ao Lote nº 8 da Linha Pequena⁵⁹. Seu pedido é deferido em novembro do mesmo ano, por ser um “*agricultor de bom procedimento e têm cinco filhos todos trabalhadores; o lote que requer é vago e não tem benfeitores*”. Seu lote anterior suburbano nº

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDI-TCINCPAE01848090.jpg

⁵⁵ Assento de óbito de Adam Marko, Livro nº 1 do Núcleo colonial de Pariquera-Açu, folha 101 verso, termo 277, data de 11-AGO-1901, comarca de Iguape/SP, link: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSKK-2S7P-3?i=1057&cat=1387920>

⁵⁶ Almanach Iguapense para o ano de 1899, Iguape, 1899, Francisco Eduardo de Castro, Tipografia Castro, pág.73

⁵⁷ ALMEIDA, Antônio Paulino de. *Memória Histórica de Pariquera-assú*, São Paulo, 1939, pág. 47

⁵⁸ Almanach da Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo, São Paulo, pág.780

⁵⁹ Requerimento de lotes, Núcleos coloniais, Repositório Digital, 1900, Pariquera-Açu, Adam Marko, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDI-TCINCPAE01849062.jpg

43 foi cancelado⁶⁰. No ano de 1901, Sofija passou a ser a colona do lote nº 8 junto com seu filho Thomaz com 13 anos de idade, deixando de aparecer o nome dos outros filhos⁶¹.

Encontrei um interessante livro chamado *Capital do Mundo*⁶² escrito por um descendente dos primitivos italianos do núcleo, cujo relato do próprio autor e de seus antigos familiares se passa no início do século XX. Porém, estes familiares dizem que funcionalmente nada havia mudado muito desde a década de 1890, citando⁶³ que não havia luz elétrica, só lampiões. Banhos no rio ou de banheira. Não havia água encanada, nem banheiro. Água do poço tirada a balde. Fossa ou mata. A vida era simples e primitiva, com panelas de ferro, chaleiras com água sobre a chapa de fogão de lenha. O café era a gosto e o perfume da casa. Cilindro para abrir massa para macarrão, as roupas eram confeccionadas em casa. Dentro de casa os móveis eram rústicos. A vida objetivava a sobrevivência. O homem da casa tinha uma jornada no campo de cem horas semanais, a mulher se dedicada à cozinha, roupa, costura, aos filhos e às galinhas, havendo estabilidade familiar. A relação entre as famílias era amistosa e cooperativa. Se uma casa matava um porco, parte era distribuída entre os próximos e amigos. Se um canteiro de alface estava no ponto, colhia-se por inteiro e era distribuído na vizinhança. Se uma fruta abundava era distribuída. Essa prática tribal abastecia a todos, proporcionando surpresas a cada dia. Não havia muros entre as casas e a noite só havia três luzes: o lampião, o pé do fogão ou vaga-lumes. No inverno ficava-se na cozinha ao calor do fogão à lenha, aproveitando o borralho. Enquanto se conversava, os que tinham mãos úteis operavam trabalhos manuais. No verão aguardava-se a hora de deitar, no terreiro ao ar livre ou à frente da casa. Esporadicamente visitava-se um familiar. Aos domingos frequentava-se a missa católica, trajando os homens calça de brim, camisa de abotoar, paletó, chapéu de feltro. As mulheres vestido alongado e lenço na cabeça. Após a missa havia comércio, encontro social, bar e jogos. Eventualmente, a autoridade policial arbitrava litígios, principalmente entre famílias

⁶⁰ Repositório Digital, Escritos, Núcleos coloniais, Registro de Matrícula, 1900, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDI-TCINCPAE01847096.jpg

⁶¹ Área de cultivo, Núcleos coloniais, Repositório Digital, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo, link:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDI-TCINCPAE01842020.jpg

⁶² Alguns relatos aqui expressos foram coletados do livro “*Capital do Mundo*” e adaptados em sua linguagem por apresentar o estilo de vida de muitos imigrantes austro-húngaros, poloneses da Galícia e de outras nacionalidades nesta colônia em específico, possuindo um valor histórico em seus relatos.

⁶³ SIMONETTI, Irineu João. *Capital do Mundo*, Pariquera-Açu: Editora ao Autor, 1996, pág.28-32, Prefeitura de Pariquera-Açu

polonesas, mas que em nossos dias modernos são considerados irrisórios: a cerca que avançou o terreno, o gado que destruiu a plantação, etc.

Quanto ao comércio, os Zanella abasteciam os italianos e os Kugler os poloneses, uma vez que havia uma barreira linguística entre os grupos, mas superada pelas gerações seguintes, falantes de português e miscigenadas. O comércio principal era dos Zanella e secundariamente dos Kugler, Siedlarczyk, Saletti, Mirraider, Bazolli, Adrião, etc. Porém ofereciam somente o básico, como alimentos, calçados, tecidos, armarinhos e ferragens, sendo tudo anotado à caderneta. A primeira igreja foi construída por volta de 1903. As demais religiões, como os poucos protestantes, espíritas e benzedeiros não eram toleradas, bastando lembrar que a colônia era formada por imigrantes italianos e poloneses tradicionalmente católicos romanos, ainda que na década de 1890 o país declarasse o contrário. Com o passar das décadas nota-se que os muitos imigrantes assentados em Pariquera-Açu abandonaram a terra e foram em busca de melhores condições de vida nos grandes centros urbanos, principalmente por verificarem que o minifúndio mal dava para o sustento e aquilo que produziam tinham que entregar para quem lhes havia fornecido o necessário durante a entre safra. O produtor como devedor não tinha poder de barganha e aceitava sem protestos o preço que lhe era oferecido, ficando permanentemente devedor.

Não somente Pariquera-Açu, mas toda a região era desprovida de assistência médica. Utilizavam-se remédios caseiros, chás, pós, pomadas, sendo tudo sofrido. Não funcionando, havia ainda curandeiros para os desenganados ou pobres. Médicos eram chamados apenas para complicações de parto ou quadros clínicos complicados. A alimentação era de boa qualidade: a base de arroz, feijão, verduras e legumes, mais frequentemente carnes brancas.

O cemitério do núcleo colonial de Pariquera-Açu ficava na esquina da Rua Romeu Monti com a Avenida Dr. Carlos Botelho e lá foram sepultados os primeiros imigrantes da colônia. Posteriormente, o cemitério foi removido para o atual endereço. Restou ainda por muitos anos naquele local uma única reminiscência viva do cemitério, um arbusto de camélia de flores cor-de-rosa, que resistentemente aguentou a algazarra dos jovens das gerações futuras em seus galhos. Cansada e esquecida, como muitos dos imigrantes que lá habitaram, uma vez desarraigada de seu ambiente original e plantada em uma nova terra a contragosto, ainda assim cumpria sua missão de sorrir com camélias a cada primavera, a cada estação, a cada nova geração, para que não se esquecessem da força de suas raízes, que com perseverança tanto lutou pela vida. Olvidando-se das injustiças do passado e no solo firme dos nossos antepassados, ensinava que seu esforço nunca foi em vão. Hoje, a antiga árvore já não existe mais, cumpriu sua missão e foi vencedora. Entretanto, nunca será esquecida, pois as suas sementes o tempo espalhou

por todo o vale e pelo mundo afora, em novos solos, em novos ciclos. Não é mais a mesma flor, mas provém da mesma raiz e, através de nossas lembranças, faz florescer a cada geração o seu suave aroma, nos alegrando como aos meninos que desfrutaram de sua robustez em dias passados.

Núcleo Colonial Campos Salles: outra família croata

Outro fato histórico interessante é saber que no recém-criado Núcleo Colonial Campos Salles no ano de 1897, uma das famílias pioneiras no local foram croatas. Trata-se da família Wirges, cuja origem familiar mais remota é de Kirrlach na cidade de Waghäusel, Alemanha. Conforme entrevista realizada com Lucas Xavier Wirges⁶⁴, descendente direto desta família, no fim do século XVIII imigraram para a cidade de Apatin, às margens do Rio Danúbio, divisa entre a Croácia e a Sérvia. Cem anos depois, nascia Adam Würges em 12-SET-1875 em Svinjarevci, condado de Vukovar-Srijem, região da Eslavônia croata, pertencente ao Império Austro-Húngaro. Deixou sua última residência em Semeljci no condado de Osijek-Baranja, embarcando no navio Minas e desembarcando no Porto de Santos em janeiro de 1897 com a esperança de dias melhores, pois nesta viagem conheceu a senhorita Elizabeth Peitl, também da Eslavônia (Sokolovac). Ambas as famílias se estabeleceram na fazenda Rocinha de propriedade de João D'Assis Lopes Martino, aonde vieram a se casar pouco depois. No ano de 1899 deram entrada na colônia de Campos Salles⁶⁵, onde nasceram alguns filhos. Anos depois a família se mudou para o núcleo Nova Europa, que mais tarde se tornou município do mesmo nome.

Este novo núcleo não teve um rápido crescimento e desenvolvimento em seus primeiros anos e tinha sido colocado exclusivamente para colonos suíços e, por motivo não identificado, não deu os resultados esperados, uma vez que quatorze famílias suíças o abandonaram. Ao cumprir seu primeiro ano de estabelecimento lá residiam 93 suíços, 19 brasileiros, 70 alemães, 23 austro-húngaros e 2 italianos. Os bens imóveis foram todos construídos pelo governo, os terrenos já estavam medidos e demarcados, juntamente com duas pontes construídas, apesar de ainda estarem quase todos desocupados.

Genealogia e História da família Fušek Marko

⁶⁴ Entrevista e análise de documentos comprobatórios realizada com Lucas Xavier Wirges na data de 28-MAI-2020 em São Paulo, capital.

⁶⁵ Livro de matrícula de colonos, N° ordem E00126, pág.61, 1899, Wirges Adam, Site do Arquivo Público do Estado de S.Paulo, acessado em 15-JUN-2020, disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDI-TCINCCSE00126061.jpg

Esta família de imigrantes da região da Eslavônia é uma das mais antigas no Brasil, uma vez que desembarcaram dentro do período histórico conhecido como a primeira fase da imigração croata em nosso país. Diferente do usual direcionamento para as lavouras paulistas, o litoral sul de São Paulo foi o local onde lhes coube a sorte, exatamente no núcleo colonial de Pariquera-Açu, onde há descendentes até hoje. É inevitável observar que, mesmo os ramos familiares perdendo contato por mais de 100 anos, nota-se que algumas habilidades parecem se repetir nas famílias. Por exemplo, o número de pessoas que exercem função direta ou indiretamente na área da Saúde. Outro fato interessante é o entrelaçamento familiar dos croatas com famílias polonesas, ocultando a nacionalidade croata, em menor número, especialmente no caso das mulheres, pois perdiam o sobrenome original, e dessa forma, parte de sua identidade cultural.

Capítulo único - Família Fušek Marko

§ 1º

I- ADAM MARKO. Nasceu próximo a 1860 em Novi Čepin, condado de Osijek-Baranja, região da Eslavônia na Croácia, sendo filho de Toma Marko e Ana Bestvina. Casou-se⁶⁶ com SOFIJA FUŠEK, que merece algumas notas. Seu nome de batismo⁶⁷ é SOPHIA FUSZEK, natural da vila de Radôstka, cidade de Stará Bystrica, condado de Čadca na Eslováquia, filha de Laurentius Fuszek e Sophia Tabacsek. Seu nascimento em 21-JUN-1861 precedeu na cidade uma tempestade⁶⁸ de grandes proporções e danos, cuja população já tinha sofrido há poucos anos um terremoto e grave fome. Não muito depois disso, o alto endividamento, a divisão incessante de propriedades, fuga do serviço militar e a fome foram motivos suficientes para toda a família deixar o país. A maioria destes emigrantes de Stará Bystrica foi para a Croácia, onde se estabeleceram em Ledenik, Zokov Gaj,

⁶⁶ Certidão de Casamento, Coleção de Livros de registros HR-DAOS-500 n° 716, 05-FEV-1883, Markovac/Našice, pág. 26, n° 12, Adam Marko e Sofija Fušek, Arquivo Estadual de Osijek na Croácia

⁶⁷ Assento de nascimento, Sophia Fuszek, Livro de Batismos 1821-1865 (Krsty), Fol.455, pág.343, n°59, 21-JUN-1861, Radôstka 16, Stará Bystrica, Čadca, Eslováquia, Arquivo Nacional da Eslováquia, 01-JUN-2020, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9RQD-YD1?fbclid=IwAR3QJI5d4Nyp6egSAXTT_RMchsdwspXeUNTkf4VEZ0OE18MI0KtfiO-Guus&i=117&cc=1554443

⁶⁸ HOHOŠ, Slavko. *Obiteljska Povijest Hrvatskih Hohoša (1746-2012)*: História da família de Hohoš na Croácia, Osijek: Matica Slovenská Martin, 2012, págs. 24 e 25.

Miljevice, Jelisavac, Josipovac e Markovac, local onde os familiares de Sophia se fixaram. Essa massa de imigrantes, na esperança de dias melhores, semeou cereais nos campos do Conde Pejačević durante o verão e, no inverno, derrubaram carvalhos centenários em suas vastas florestas. Assim, tornaram essas terras aráveis e puderam comprá-las mais tarde, onde construíram casas e sobreviviam da terra. Onde antigamente havia uma floresta, hoje o trigo e o milho crescem. Adam e Sofija contraíram matrimônio em 05-FEV-1883 na vila de Markovac, onde nasceram todos os filhos, e que está próxima à cidade de Našice, condado de Osijek-Baranja na Croácia. Por volta de dezesseis anos mais tarde, mediante as decisões políticas que influenciaram a vida econômica das pessoas, junto ao discurso sedutor dos agentes de imigração quanto ao conquistar a sua própria terra na América, impulsionou o casal a deixar sua última residência na Eslavônia para desembarcar⁶⁹ em Santos/SP⁷⁰ na data de 11-DEZ-1896.

Pouco depois Adam Marko teve seu falecimento registrado em 11-AGO-1901 no Núcleo Colonial de Pariquera-Açu/SP⁷¹, local da primeira residência no Brasil juntamente com a esposa, os cunhados Martino e Anna Fušek, e filhos. O casal teve a seguinte geração:

- 1(II)- ANA FUŠEK MARKO, que segue.
- 2(II)- KATA MARKO, que segue.
- 3(II)- TOMA MARKO, que segue.
- 4(II)- MARIJA MARKO, que segue.
- 5(II)- JOSIP MARKO, que segue.
- 6(II)- FRANCISCA MARKO, brasileira, que segue.
- 7(II)- JULIA, brasileira, que segue.

Após o falecimento do esposo Adam Marko, Sofija Fušek contraiu segundas núpcias⁷² em 08-DEZ-1899 na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição

⁶⁹ Lista de bordo do vapor Raggio, 11-DEZ-1896, Museu da Imigração, link http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_000248.pdf

⁷⁰ Matrícula na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, Livro nº 56A, folha 235, família nº 53.160, 11-DEZ-1896, Museu da Imigração de S. Paulo. Site: http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/livros/pdfs/L56A_235.pdf

⁷¹ Cartório civil de Jacupiranga/SP, Livro de Óbitos nº 1 do Núcleo Colonial de Pariquera-Açu, folha 101 verso, termo 277, assento de óbito de Adão Mark, em 11-AGO-1901, acessado em Maio-2020, Disponível em:

<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSKK-2S7P-3?i=1057&cat=1387920>

⁷² Assento de Casamento, Livro nº 4, pág.7, nº 25, 08-DEZ-1899, Jacupiranga/SP, Estanislau Boski e Sofia Fusik, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Jacupiranga/SP,

de Jacupiranga e fez o ato civil⁷³ em 22-JUL-1911 com ESTANISLAU BOASKI (BLASKI). Este era polonês, lavrador, filho de Casimiro Boaski e Francisca Boaski, falecido⁷⁴ em Pariquera-Açu em 11-OUT-1945. Passou a se chamar SOPHIA BOASKI e faleceu⁷⁵ na data de 20-JAN-1949 com 88 anos, deixando apenas uma filha:

8(II)- HELENA BOASKI (MARKOSKI): descrita no § 2º adiante

II- ANA FUŠEK MARKO. Nasceu em 27-FEV-1885 na vila de Markovac, cidade de Našice, condado de Osijek-Baranja na Croácia⁷⁶. Residiu tanto na capital como em cidades do interior paulista como Penápolis, Birigui, Araçatuba, Garça, Vera Cruz e Gália⁷⁷. Usou o nome de solteira ANNITA FUKS MARQUES, teve dois matrimônios e faleceu⁷⁸ em São Paulo/SP em 15-MAR-1960, após nove anos acamada devido a um derrame.

Por ter alguma instrução retirou-se de Pariquera-Açu à São Paulo para administrar cuidados de enfermagem em Maria Joanna Quintão de Carvalho. Essa era a esposa do advogado Dr. Antônio Teixeira da Silva e irmã do Cons. Leôncio de Carvalho, ex-ministro do Império de Dom Pedro II na pasta de Negócios, Diretor da Academia de Direito de São Paulo, fundador do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, do Instituto dos Advogados de São Paulo, dentre outras realizações. Ela também era irmã do Dr. Carlos Antônio de França Carvalho, fundador da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, da Baronesa de Massambará e da Viscondessa de Cananéia, cujas famílias e acontecimentos históricos estão detalhados na Revista nº 26 da ASBRAP⁷⁹. Estando à cabeceira de Maria Joanna até esta falecer

acessado em 2020, disponível em:

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-S297-FW?fbclid=IwAR0dMfJCI8m-6n9APgNlxc32fYYNP3dWk12_1eIJ4OCx_Vh56IjrFn6ZIBEY&i=18&cc=2177299&-cat=334693

⁷³ Certidão de casamento, Livro B-4, folha 15, nº 657, 22-JUL-1911, Jacupiranga/SP, Estanislau Boaske e Sofia Tabatchek, 1º Cartório civil, acessado em 2020

⁷⁴ Certidão de Óbito, Livro de 1945, Fls. 228, nº 795, 11-OUT-1945, Pariquera-Açu/SP, Estanislau Boaski, 1º cartório civil

⁷⁵ Assento de óbito, Livro de 1949, folha 298V, nº 1.013, 20-JAN-1949, Jacupiranga/SP, Sofia Boaski, 1º Cartório civil

⁷⁶ Certidão de Nascimento, Coleção de Livros de registros HR-DAOS-500, nº Registro 707, pág. 223, nº Ordem 50, 27-FEV-1885, Markovac, Ana, Arquivo Estadual de Osijek na Croácia (*Državni arhiv u Osijeku*)

⁷⁷ Prontuário de Estrangeiro, SPMAF DI, RNE nº 95, 1939, Delegacia de Garça/SP, Annita Fucks Martins, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

⁷⁸ Certidão de Óbito, Livro C-28, Fls. 127, nº 23.046, 15-MAR-1960, São Paulo, Annita Fucks Martins, 22º cartório civil

⁷⁹ LUCCA, Renato de. Genealogia e história da família do Conselheiro Leôncio de Carva-

no final de 1902, Ana residia no mesmo sobrado de dois pavimentos no estilo *Art-Nouveau*, em plena Avenida Paulista, no atual número 266, esquina com a Rua Teixeira da Silva. Por isso, pode ter sido a primeira cidadã croata a residir na mais nobre das avenidas. Literalmente ela deixou os campos de arroz de Pariquera-Açu para morar na Avenida Paulista. Ana continuou a trabalhar ainda por muitos anos como governanta em tempo integral cuidando dos filhos do viúvo, residindo posteriormente na Rua Direita e na Rua General Osório até 1920.

Ana contraiu primeiras núpcias⁸⁰ em São Paulo/SP em 10-MAR-1913, passando a utilizar o nome ANNITA TEIXEIRA DA SILVA ao se casar com o viúvo Dr. ANTÔNIO TEIXEIRA DA SILVA, não sendo localizado o matrimônio religioso, ainda que mencionado no batismo dos filhos. Com esse casamento teve mais um salto em qualidade de vida, colhendo bons frutos, permanecendo fotos raras e ainda inéditas de personagens históricos paulistanos no acervo familiar. Seu esposo era natural de Tietê/SP, nascido em 14-OUT-1863, filho de Mathias Teixeira da Silva Pinto e Francisca Maria de Almeida, descendente do entrosamento de famílias constantes na obra *Nobiliarquia Paulistana de Silva Leme* (Tit. Pedroso Barros, Arruda Botelho e Furquim). Dentre muitas realizações foi advogado da Colônia Italiana em São Paulo, Diretor da Hospedaria dos Imigrantes do Brás, membro honorário do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros do RJ, Diretor da Academia Prática de Comércio e ganhou notoriedade no Fórum paulitano, quando em 1897 teve seu nome cedido à Rua Teixeira da Silva dita acima. Deste casamento teve os filhos:

1(III) ANNA TEIXEIRA DA SILVA. Nasceu em 20-NOV-1907 em São Paulo e foi batizada⁸¹ como Annita na Catedral da Sé em 12-ABR-1914, sendo padrinhos o Dr. Joaquim Antônio de Moraes Dantas e Maria do Carmo Baumann. Neste batismo consta que seus pais também se casaram na Catedral da Sé, mas este assento nunca foi localizado. Estudou na Escola Americana⁸² (Mackenzie) até 1920, quando sua mãe teve segundas núpcias e foi residir em Penápolis/SP. Nesta cidade casou em 08-SET-1926 com DOMINGOS MATHEUS MARTINS (irmão mais novo do segundo marido de sua mãe), barbeiro, natural de Descalvado/SP,

lho, *Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia*, São Paulo, Revista da ASBRAP n.º 26, págs.447-474, 2019. Disponível em:

http://asbrap.org.br/documentos/revistas/rev_26_2019/1-leoncio_de_carvalho.pdf

⁸⁰ Certidão de Casamento, Livro B-8, folha 125V, N.º 41, 10-MAR-1913, São Paulo, Antonio Teixeira da Silva e Annita Fuks Marques, 1.º cartório civil da Sé.

⁸¹ Assento de batismo católico, Estante 28/prateleira 1, livro 7, folha 72, no índice do livro A2 de 1913-1915, pág.13, 12-ABR-1914, São Paulo, Annita, Igreja da Sé, Cúria Metropolitana de São Paulo

⁸² *Mackenzie College President's Annual Report to the Board of Trustees*, São Paulo, 31-DEZ-1919, pág.86, Acervo Histórico da Universidade Mackenzie

nascido em 28-DEZ-1902, filho de Gregório Matheus Martins e Maria Amaro⁸³. Depois da morte do marido foi residir com seu irmão Archibaldo em São Paulo e trabalhou como governanta em um dos ícones que marcaram a vida dos moradores: a Chácara Valparaíso. Dentro do seu amplo espaço havia a casa que pertenceu a Chafik Lutaif, que possuía grandes portões, árvores frutíferas e coqueiros que subiam até a sua entrada na Avenida Tucuruvi. Naquela área Lutaif fundou o Cine Valparaíso, conhecido na época como a maior sala de projeções da América Latina⁸⁴. Todas essas edificações foram demolidas, mas permanecem como ícones na história da região, sobretudo para os moradores mais velhos. Faleceu em São Paulo/SP⁸⁵ em 26-SET-1963 sob os cuidados de seu irmão, deixando os filhos:

1(IV) WALDEMAR. Nascido em Penápolis/SP.

2(IV) MAURÍCIO. Nascido em Penápolis/SP.

2(III) ARCHIBALDO TEIXEIRA DA SILVA. Nasceu em 11-JAN- 1910 em São Paulo/SP e foi batizado⁸⁶ na Catedral da Sé em 12-ABR-1914, sendo padrinhos seu meio-irmão estudante da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, João Baptista de Carvalho Teixeira da Silva, e Maria Antonietta Alves de Lima. Recebeu esse nome em homenagem ao cunhado e grande amigo de seu pai, o industrial Archibald Kinnear, natural da Montrose na Escócia, lá formado em engenharia naval, vindo a ser pioneiro na construção de vapores fluviais na Bahia. Ele trabalhou posteriormente na empresa Lidgerwood Manufacturing Company Ltda para beneficiamento de café em cidades como Sorocaba, Botucatu e Bofete/SP, onde faleceu em 22-MAR-1917 sem deixar geração⁸⁷. Também era sobrinho do juiz supremo da Escócia⁸⁸, o Lord Alexander Smith Kinnear (Lord Kinnear), condecorado pelo Rei Edward VII no Palácio de Buckingham e participante da comunidade YMCA na Inglaterra. Archibaldo estudou na Escola Americana e re-

⁸³ Certidão de casamento, Livro B-6 folha 68 n° 67, 08-SET-1926, Penápolis/SP, Domingos Matheus e Anna Teixeira da Silva, 1° cartório civil

⁸⁴ SERRA, Jennifer Jane. *A Vida animada: (Re)Construções do mundo histórico através do documentário animado*, Campinas:[s.n.], 2017, pág.249, 301p., Tese (Doutorado)Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2017

⁸⁵ Certidão de óbito, Livro C-30, fls. 283, n° 26.325, 26-SET-1963, São Paulo, Ana Teixeira da Silva, 22° Cartório civil

⁸⁶ Assento de batismo católico, Estante 28/prateleira 1, livro 7, folha 72, no índice do livro A2 de 1913-1915, pág.14, 12-ABR-1914, São Paulo, Archibaldo, Igreja da Sé, Cúria Metropolitana de São Paulo

⁸⁷ Certidão de óbito, Livro de 1917, folha 68v, n° 36, 22-MAR-1917, Bofete/SP (antigo Rio Bonito), Archibalde Kinnear, 1° Cartório civil

⁸⁸ O Estado de S.Paulo, São Paulo, 20-MAI-1917, pág.8

cebeu bolsa integral após o falecimento do seu pai⁸⁹. Em 1920 residiu em Penápolis/SP devido ao segundo casamento da sua mãe. Ao atingir a maioridade, foi à Araçatuba para tomar posse de terras por herança. Casou em 26-FEV-1930 em Birigui/SP com AMÁLIA MORO⁹⁰, nascida em Orlândia/SP em 30-SET-1914, filha dos italianos Giuseppe Moro e Genoveffa Eufemia de Marchi, falecida⁹¹ na capital em 27-SET-1976. Após a morte do pai e devido a problemas com seu padrasto, Archibaldo não concluiu os estudos e tampouco fez carreira acadêmica como seus primos paternos⁹²: Erasmo de Carvalho Braga⁹³ (fundador da Academia Paulista de Letras, pastor, professor, poliglota e com nome de avenida no centro do Rio de Janeiro), Dr. Hermas Braga (médico e diretor do Hospital Vera Cruz em Campinas, onde residiu e recebeu nome de avenida), Irineu Braga (engenheiro membro da Associação Brasileira de Estradas de Ferro), Dr. Rubem Braga (catedrático da Faculdade de Direito de Niterói, escritor e jornalista) e Laércio Braga (comandante da marinha mercante do RJ), cujo pai foi prefeito de Sorocaba em 1902. Archibaldo contava⁹⁴ que um dia visitou um de seus primos em Campinas/SP, possivelmente Hermas Braga, e muito bem recebido, mas que ao pisar em um volumoso tapete na sala que lhe afundava o pé, sentiu-se tão envergonhado pela sua pobreza que nunca mais fez contato. Durante sua vida trabalhou como chofer ou no comércio em geral, sofrendo um duro golpe econômico na década de 1930, conforme mencionado por Erasmo Braga em cartas da família. Deixou o interior e passou a residir em São Paulo, mantendo muita proximidade com a família de seu sogro Moro e a de seu meio-irmão José Martins. Deixou testemunho da sua integridade para muitas famílias no bairro, onde ele próprio construiu residências para si e seus filhos na década de 1950. Faleceu⁹⁵ em 01-DEZ-1981, deixando geração na cidade de São Paulo até os dias atuais. São seus filhos:

3(IV) ELCIA TEIXEIRA DA SILVA. Nascida em Birigui/SP em 07-OUT-

⁸⁹ *Mackenzie College President's Annual Report to the Board of Trustees*, São Paulo, 31-DEZ-1919, pág.86, Acervo Histórico da Universidade Mackenzie

⁹⁰ Certidão de casamento, Livro B-09, folha 244, nº 199, 26-FEV-1930, Birigui/SP, Archibaldo Teixeira da Silva e Amália Moro, 1º Cartório civil

⁹¹ Certidão de óbito, Livro C-45, folha 251, nº 1.717, 26-SET-1963, São Paulo/SP, Amália Moro Teixeira, 22º Cartório civil

⁹² MATOS, Alderi Souza de. *Erasmo Braga o protestantismo e a sociedade brasileira*, São Paulo:Editora Cultura Cristã, 2008, Apêndice pág. 377

⁹³ MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros presbiterianos no Brasil 1859-1900*, São Paulo:Editora Cultura Cristã, 2004, pág. 344 e 419

⁹⁴ LUCA, Elcia Teixeira de. Entrevista concedida ao autor em São Paulo, 2008, Acervo particular dos familiares de Archibaldo Teixeira da Silva.

⁹⁵ Certidão de óbito, Livro C-9, fls.51v, nº 9.894, 01-DEZ-1981, São Paulo, Archibaldo Teixeira da Silva, 27º Cartório civil

1931, adotou o nome Elcia Teixeira de Luca ao casar em São Paulo/SP⁹⁶ com o ítalo-brasileiro e vulcanizador ROMILDO DE LUCA em 11-SET-1948. Já são falecidos e deixaram:

1(V) ROMILDO DE LUCCA FILHO: paulistano, auxiliar de enfermagem, divorciado, já falecido sem deixar geração.

2(V) JOSÉ ARQUIBALDO DE LUCCA: paulistano, médico, casado com sua prima CACILDA MORO (DE LUCCA) natural da capital, filha de Antônio Moro, um dos primeiros alfaiates de Birigui/SP (Alfaiataria Ferro & Moro), e de Olivia Miranda Moro, filha da imigrante eslovena Marija Sežun. Possuem filhos com geração, entre eles Rafael, Renato e Alessandra, enfermeira.

4(IV) JOSÉ TEIXEIRA DA SILVA. Nascido em Birigui/SP em 06-JAN-1938, casou-se em São Paulo/SP⁹⁷ com DIVINA DE PÁDUA em 19-MAI-1960. Ambos são falecidos, sem deixar geração.

Ao falecer o Dr. Teixeira da Silva, Ana continuou a residir na Rua General Osório nº 157 até 1920, quando se viu obrigada a retirar os filhos da Escola Americana e a mudar para Penápolis/SP. Nessa cidade contraiu segundas núpcias⁹⁸ na data de 23-JUN-1920 com MATHEUS MARTINS, lavrador, nascido em 10-JUN-1888 na Espanha, filho de Gregório Matheus Martins e Maria Amaro, adotando o nome de ANNITA FUCKS MARTINS. Tanto Ana quanto seus filhos possuíam boas condições de vida deixadas pelo falecido esposo, porém, este segundo lhes tomou os bens e pôs tudo a perder por não saber administrá-los, causando profundo impacto na família que só pode se restabelecer décadas depois. Ana residiu em Vera Cruz/SP com seu filho José Martins até a década de 1950, mas faleceu em 01-MAR-1960 em São Paulo na casa de seu filho Archibaldo, deixando apenas um filho do segundo casamento:

3(III) JOSÉ MARTINS. Nasceu em 06-ABR-1924 em Penápolis/SP⁹⁹, morou em Artur Alvim na zona leste da cidade de São Paulo, falecendo em 21-OUT-1982 na capital¹⁰⁰. Casou em Vera Cruz/SP na data de 18-SET-1943

⁹⁶ Certidão de casamento, Livro B-21, folha 96, nº 3.487, 11-SET-1948, São Paulo, Romildo de Luca e Elcia Teixeira da Silva, 22º Cartório civil

⁹⁷ Certidão de casamento, Livro B-53, folha 111, nº 12.846, 19-MAI-1960, São Paulo, José Teixeira da Silva e Divina de Pádua, 22º Cartório civil

⁹⁸ Certidão e habilitação de casamento, Livro B-3, folha 46, nº 54, 23-JUN-1920, Penápolis/SP, Matheus Martins e Annita Teixeira da Silva, 1º Cartório civil

⁹⁹ Certidão de nascimento, Livro A-13, folha 46, nº 240, 06-ABR-1924, Penápolis/SP, José Martins, 1º Cartório civil

¹⁰⁰ Certidão de óbito, Livro C-4, folha 204, nº 4.402, 21-OUT-1982, São Paulo/SP, José Martins, 37º Cartório civil

com MARIA PAULO (*Maria Cotinha*)¹⁰¹, nascida em Avaí/SP em 09-JAN-1926 e falecida em São Paulo/SP em 14-JAN-2009, filha de Celestino Rosa Paulo e Christina Bueno Paulo, deixando larga geração¹⁰², conforme segue:

5(IV) LASARA MARTINS (SILVA): Nasceu em 1946 em Gália/SP, casou em 1970 em São Paulo/SP com ALMIR DE SOUZA SILVA, já falecido, com quem teve os filhos Marcelo, Márcia e Andréa, todos com geração.

6(IV) APARECIDA BENEDITA MARTINS (FRANCISCO): Nasceu em 1949 em Gália/SP, casou em 1970 na capital com GERALDO FRANCISCO FILHO, já falecido, militar da aeronáutica, e tiveram:

3(V) ALEXANDRE: teve Agatha e Matheus.

4(V) ADRIANA: teve os filhos Juliana, Giovana, Michel e Bruna, que é auxiliar de enfermagem.

5(V) SILVANA: casada, teve Yasmin.

7(IV) JOSÉ MARTINS FILHO: Nasceu em 1951 em São Paulo/SP, casou em 1975 com CLEUZA OLIVEIRA DA SILVA, que teve:

6(V) ROSANA MARTINS: divorciada, antes teve:

1(VI) RAFAELA: solteira, estudante de biomedicina.

2(VI) BIANCA: casada, teve Guilherme, Fábio Augusto e Yago.

7(V) ÂNGELA: casada.

8(V) LEANDRO OLIVEIRA MARTINS: casado, pais de Leandro Filho, Lara e Laís.

8(IV) RUBENS MARTINS: Nasceu em 1952 em São Paulo/SP, casou em 1979 em Itaquaquecetuba com MARIA DO CARMO BITENCOURT e tiveram:

7(V) RENATA BITENCOUT MARTINS (BEVILAQUA): casada, teve os gêmeos João Paulo e Lucas.

8(V) DANIELA BITENCOUT MARTINS: divorciada, nutricionista, teve Matheus.

9(V) DANIEL BITENCOUT MARTINS, casado, teve Giovanna e Giulia.

9(IV) TERESINHA MARTINS (FRANCISCO): Nasceu em 1954 em São Paulo/SP, onde casou em 1977 com ANTÔNIO FERNANDES FRANCISCO, já falecido, e tiveram:

10(V) FELIPE MARTINS FRANCISCO: casado, teve Lorenzo e Cecília.

¹⁰¹ Certidão de casamento, Livro B-5, folha 175v, nº 1.433, 18-SET-1943, Vera Cruz/SP, José Martins e Maria Paulo, 1º Cartório civil

¹⁰² MARTINS, Daniela Bitencourt. Entrevista concedida ao autor em São Paulo, 2020, onde foram consultadas todas de certidões civis dos filhos de José Martins 3(III). As fontes não foram citadas por questões de privacidade.

11(V) VANESSA MARTINS FRANCISCO: auxiliar de enfermagem, teve Gustavo.

10(IV) JOÃO MARTINS: Nasceu em 1955 em São Paulo/SP, onde se casou em 1982 com MARIA HELENA DE MOURA e tiveram Jeferson, falecido, e Carlos Henrique.

11(IV) ANTÔNIO MARTINS: Nasceu em 1957 em São Paulo/SP, onde se casou em 1988 e divorciou em 2007 de MARIA REGINA GONÇALVES DOS SANTOS e teve:

12(V) VAGNER DOS SANTOS MARTINS, casado.

13(V) RODRIGO DOS SANTOS MARTINS, casado, teve Leonardo e Beatriz.

12(IV) PEDRO MARTINS: Nasceu em 1959 em São Paulo/SP, casado em Itaquera/SP, com geração.

13(IV) LUIZ MARTINS: Nasceu em 1961 em São Paulo/SP, casado com geração.

II- KATA MARKO (CATHARINA MARKO). Nasceu em 13-NOV-1886 na vila de Markovac, cidade de Našice, condado de Osijek-Baranja na Croácia¹⁰³. Assim como seus pais e irmãos, desembarcou em Santos no ano de 1896 com 10 anos e foi alocada no Núcleo Colonial Pariquera-Açu. Casou na Capela de Pariquera-Açu¹⁰⁴ em 24-JUL-1909 e no civil¹⁰⁵ em 21-OUT-1916 com LADISLAU REDIS, russo, nascido cerca de 1885, filho de Theophilo Redis e Paulina Redis. Catharina faleceu¹⁰⁶ na mesma cidade em 07-SET-1977 aos 88 anos de idade viúva do esposo, com quem teve cerca de seis filhos.

II- TOMA MARKO. Nasceu em 17-DEZ-1888 na vila de Markovac, cidade de Našice, condado de Osijek-Baranja na Croácia¹⁰⁷. Assim como seus pais e irmãos,

¹⁰³ Certidão de Nascimento, Coleção de livros de registros HR-DAOS-500, 13-NOV-1886, Markovac, Kata, Arquivo Estadual de Osijek da Croácia (Državni arhiv u Osijeku)

¹⁰⁴ Assento de casamento, Livro nº 4 de matrimônios, Folha 103v, Nº 28, 24-JUL-1909, Capela de Pariquera-Açu, Wadislau Redic e Catharina Marcus, armazenado na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Jacupiranga/SP, acessado em 2020, disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-S297-4D?i=121&wc=M5N1-S-P8%3A372018201%2C371868902%2C372059201&cc=2177299>

¹⁰⁵ Assento de casamento, Livro de casamentos de 1916, Folha 118, Nº 818, 21-OUT-1916, Jacupiranga/SP, Ladislau Redis e Catharina Marko, 1º Cartório Civil de Jacupiranga/SP, disponível no Family Search.

¹⁰⁶ Assento de óbito, Livro C-8, folha 44, nº 444, 07-SET-1977, Pariquera-Açu/SP, Catharina Marko, Cartório civil de Pariquera-Açu/SP.

¹⁰⁷ Certidão de Nascimento, Coleção de livros de registros HR-DAOS-500, nº Registro

desembarcou em Santos no ano de 1896 com 8 anos e foi alocado no Núcleo Colonial Pariquera-Açu. Em seu prontuário de estrangeiro¹⁰⁸ de 1939, com o nome THOMAZ MARKO, declarou que residia em Santos/SP na Rua São Bento nº 15 (bairro Valongo), no efervescente centro histórico da cidade. Este endereço está praticamente às margens do Rio Pedreira, local onde ele usava pequenas embarcações para chegar ao trabalho no sítio Chacrinha, com sede na enseada de Santa Rita, pertencente à Adelino da Rocha Brites. Neste sítio havia uma olaria e plantação de bananas, sendo vendido pouco depois para a Companhia de Siderurgia Paulista (COSIPA)¹⁰⁹. Estava com 50 anos de idade e solteiro, portanto, provavelmente não deixou geração.

II- MARIJA MARKO. Nasceu em 04-JUL-1892 na vila de Markovac, cidade de Našice, condado de Osijek-Baranja na Croácia¹¹⁰. Assim como seus pais e irmãos, desembarcou em Santos no ano de 1896 com 4 anos de idade e foi alocada no Núcleo Colonial Pariquera-Açu. Desconheço qualquer outra informação.

II- JOSIP MARKO (JOSÉ MARKO). Nasceu em 10-FEV-1895 na vila de Markovac, cidade de Našice, condado de Osijek-Baranja na Croácia¹¹¹. Assim como seus pais e irmãos, desembarcou em Santos no ano de 1896 com 1 ano de idade e foi alocado no Núcleo Colonial Pariquera-Açu. Casou na capela de Pariquera-Açu¹¹² em 08-ABR-1923 com HELENA CARPINSCHI, natural desta colônia com vinte anos de idade, filha de Alberto Carpinski e Maria Carpinski. Desconheço geração.

II- FRANCISCA MARKO. Nasceu em Pariquera-Açu/SP por volta do ano de 1897 e casou¹¹³ em 16-JUL-1916 no mesmo local com JOÃO HIPOLITO JU-707, pág. 403, nº Ordem 319, 17-DEZ-1888, Markovac, Toma, Arquivo Estadual de Osijek da Croácia (Državni arhiv u Osijeku)

¹⁰⁸ Prontuário de Estrangeiro de Thomaz Marko, SPMAF Santos, RNE nº197, 1939, Delegacia de Polícia de Santos/SP, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

¹⁰⁹ COUTO, Joaquim Miguel. *Entre estatais e transnacionais: O polo industrial de Cubatão*, Campinas: Unicamp, 2003, pág.114, 232p, Tese(Mestrado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas.

¹¹⁰ Certidão de Nascimento, Coleção de livros de registros HR-DAOS-500, 04-JUL-1892, Markovac, Marija, Arquivo Estadual de Osijek da Croácia (Državni arhiv u Osijeku)

¹¹¹ Certidão de Nascimento, Coleção de livros de registros HR-DAOS-500, 10-FEV-1895, Markovac, Josip, Arquivo Estadual de Osijek da Croácia (Državni arhiv u Osijeku)

¹¹² Assento de casamento, Livro nº 5 de Matrimônios de 1915-1925, pág. 83, nº 8, 08-ABR-1923, Jacupiranga, José Marko e Helena Carpinski, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-9RGL-D?fbclid=IwAR226DiRsnhRUCrLFmDK6rY1NE2Q11_BChoRy-BaN-GP9lrxmElydZ2rbR0&i=90&cc=2177299&cat=334693

¹¹³ Assento de casamento, Livro 5, Folha 8, nº 28, 16-JUL-1916, Pariquera-Açu/SP, João

NIOR, com 27 anos, natural e morador desta freguesia, filho de João Hippolito Pinto e Domingas Maria da Silva. Desconheço geração.

II- JULIA. Nasceu em Pariquera-Açu/SP por volta do ano de 1898, pois consta seu nome e idade de 2 anos no livro de matrícula e controle de produção dos colonos. Porém, não possuímos mais informações¹¹⁴.

§ 2º

II- HELENA BOASKI (MARKOSKI). Nasceu em Pariquera-Açu/SP em 28-DEZ-1903, filha de Estanislau Boaski e Sophia Boaski (Sofija Fušek). Casou¹¹⁵ na paróquia em 30-SET-1923 na mesma cidade e no civil¹¹⁶ na data de 05-ABR-1924 em Jacupiranga/SP com MIECZYSLAU MARKOSKI. Ele é lavrador, filho de Antônio Markoski e Francisca Markoski, nascido¹¹⁷ em São Bernardo do Campo/SP em 16-SET-1897 e falecido¹¹⁸ em Pariquera-Açu em 25-JUL-1969. Sua esposa Helena faleceu¹¹⁹ em Pariquera-Açu em 07-JUN-1980 com 73 anos, deixando os filhos abaixo, todos naturais de Pariquera-Açu¹²⁰:

4(III)- ELIZABETH MARKOSKI, deixou geração conhecida, onde Renan e Renata Mendes são auxiliares de enfermagem.

Hippolito Junior e Francisca Marcos, Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Jacupiranga, disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F=9-RVH-L?i9=&cc-2177299&cat=334693>

¹¹⁴ Registro de Matrícula de colonos, Núcleos coloniais, Repositório Digital, 1900, Pariquera-Açu, Julia, Arquivo Público do Estado de São Paulo, disponível em:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/nucleos_coloniais/SACOPDI-TCINCPAE01847096.jpg

¹¹⁵ Assento de casamento, Livro nº 5, pág. 94, nº 50, 30-SET-1923, Pariquera-Açu/SP, Mice-sinlau Markoski e Helena Boaski, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Jacupiranga, disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F=9-RGJ-K?i104=&cc-2177299&cat=334693>

¹¹⁶ Assento de casamento, Livro de 1934, folha 177V, nº 180, 05-ABR-1924, Jacupiranga/SP, Mieczyslau Markoski e Helena Boaski, 1º Cartório civil.

¹¹⁷ Assento de batismo, Livro de 1893-1898, folha 166v, 21-SET-1897, São Bernardo do Campo/SP, Niceslaus, Paróquia de S. Bernardo do Campo, acessado em 2020, disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N=-QLZL2-?from=lyn1xUI8V&treeref-G988-N6H&i=172>

¹¹⁸ Assento de óbito, livro C-6, folha 45, nº 5371, 25-JUL-1969, Pariquera-Açu/SP, Mieczyslau Markoski, cartório civil.

¹¹⁹ Assento de óbito, livro C-8, folha 192v, nº 1038, 07-JUN-1980, Pariquera-Açu/SP, Helena Boaski Markoski, cartório civil

¹²⁰ Entrevista e análise de documentos comprobatórios realizada com Cleiton Navarro na data de 18-JUN-2020, por meio eletrônico e online.

5(III)- EDOVIRGEM MARKOSKI, s.g.

6(III)- MARIA MARKOSKI, deixou geração conhecida, onde um descendente de nome Neuci é auxiliar de enfermagem.

7(III)- LADISLAU MARKOSKI, s.g.

8(III)- LUIZA MARKOSKI, deixou geração conhecida.

9(III)- THEREZA MARKOSKI, deixou geração conhecida. Uma filha de nome Isaura foi auxiliar de enfermagem por trinta e quatro anos.

10(III)- ALBINO MARKOSKI, s.g.

11(III)- PAULO MARKOSKI, s.g.

12(III)- PAULINA MARKOSKI, nascida em 1937, foi auxiliar de enfermagem no Hospital Regional Dr. Leopoldo Bevilacqua (HRLB), teve os filhos Nilson e Nilcilene, sendo esta última mãe do pesquisador Cleiton Markoski, de Pariquera-Açu.

13(III)- JOSÉ LIBERATO MARKOSKI, s.g.

14(III)- ANEZIA MARKOSKI, nascida em 1941, foi auxiliar de enfermagem na Maternidade São Paulo, s.g.

15(III)- WANDA MARKOSKI, deixou geração conhecida.

Nota sobre o autor

Pesquisador com interesse no resgate da história de personagens paulistas, das famílias de imigrantes e suas origens. Pesquisador-convidado do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (E-mail: ats1863@hotmail.com).

